

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - PSICOLOGIA

JEAN-JACQUES SCHERER PERES

CONSCIÊNCIA E SENTIMENTO: POR UMA PSICOLOGIA MATERIALISTA

PORTO ALEGRE

2021

SUMÁRIO

1. ABERTURA	4
2. INTRODUÇÃO	5
2.1. PRAIA SEM CHEIRO NEM HORIZONTE	5
3. MARX E A PSICOLOGIA	10
3.1. CHAMANDO OS HOMENS PRO SEU TEMPO DE VIVER	10
3.2. A FILOSOFIA DA RELIGIÃO E A RELAÇÃO DE DOMINAÇÃO	11
3.3. A FILOSOFIA DA PRÁXIS	14
3.4. O MARXISMO-LENINISMO, A FANTASIA SE DISSOLVE NO COLETIVO	15
4. FETICHISMO E A NATURALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES	19
4.1. A VIDA PRIVADA... ..	20
4.2. ... A INVENÇÃO DA PRIVAÇÃO DE VIDA	22
4.3. O FETICHISMO DE MERCADORIA, A RELIGIÃO E A IDEOLOGIA ..	25
4.4. A FANTASIA, SUA PRÁXIS, E A REALIDADE	28
5. NOS CAMINHOS DE REICH, CARÁTER E CONSCIÊNCIA	31
5.1. O RASTRO DE PÓLVORA ANTES DA EXPLOSÃO	32
5.2. LUTA INTERNA E TÉCNICA TERAPÊUTICA	32
5.3. LINGUAGEM E EMPATIA, PONTOS CEGOS E A PSICOLOGIA MATERIALISTA	34
5.4. A IDEOLOGIA COMO SUBLIMAÇÃO NECESSÁRIA AO CAPITAL	36
5.5. CAMINHOS PARA A CONSCIÊNCIA, O COMPROMISSO DA PRÁXIS	37
6. PESTE EMOCIONAL, REALISMO CAPITALISTA E FASCISMO	39
6.1. A PESTE EMOCIONAL	39
6.2. ACREDITAR NO INACREDITÁVEL: O REALISMO CAPITALISTA	41
6.3. IRRESPONSABILIDADE ATIVA X RESPONSABILIDADE PASSIVA ..	43
6.4. A TRANSIÇÃO AO CONTATO COM A REALIDADE	45
7. O FIM DA IDEOLOGIA? O PANORAMA ÉTICO-POLÍTICO DA PSICOLOGIA MATERIALISTA	48
7.1. REDESCOBRINDO REALIDADE, REAL E TOTALIDADE	50
7.2. IDENTIDADE SUJEITO OBJETO, ATÉ AS ÚLTIMAS CONSEQUÊNCIAS	51
8. A REVOLUÇÃO COMO CATARSE	53
8.1. FANON E GRAMSCI, A REVOLUÇÃO SOBRE O PRISMA DA CATARSE	53
8.2. O ACOLHIMENTO COLETIVO E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO REVOLUCIONÁRIO	56
8.3. UM AGREGADOR SIMBÓLICO EMERGENCIAL: O CASO STALIN ...	57
8.4. A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ BIOGRAFADA	61
9. CONSIDERAÇÕES FINAS	62
10. REFERÊNCIAS	63

CONSCIÊNCIA E SENTIMENTO, POR UMA PSICOLOGIA MATERIALISTA

Resumo:

Este trabalho visa buscar no desenvolvimento afetivo e real dos sujeitos os traços necessários a ordem social vigente a partir de uma perspectiva materialista histórico dialética. Esta compreensão pode alicerçar a negação do modo de produção vigente mediante processo revolucionário, assim como as determinações do ser social a ele necessários que não necessariamente desaparecem com este. Procura ser uma ponte entre o marxismo e a psicologia, para que esta possa firmar seus pés na realidade concreta e para que aquele preste contas a uma prática que seja científica, não apenas na construção de um mundo novo, mas de um ser humano novo fundado na liberdade de desenvolvimento tanto do primeiro, quanto do segundo.

ABERTURA

Dedico este trabalho a gata Fiona e a cachorra Orelhas, que ao longo de sua vida deram a meu lar alegria e espontaneidade da forma mais honesta. Que um dia os humanos voltem a trilhar este caminho.

Dedico também a todos aqueles vítimas de doenças curáveis e de doenças que os detentores de tecnologia não quiseram curar, que sua vida se renove em luta para a cura da sociedade mesma.

Dedico ao meu Partido, sem o qual jamais poderia ter chegado aos desafios que me impulsionaram a este trabalho, e a cada um de meus camaradas cujas marcas carrego em minhas palavras.

Como único pedido à eternidade, peço que os trotskistas respeitem minha obra se em algum momento quiserem reivindicá-la. Nos dias de hoje, não me custa nada deixar esta ressalva escrita, pois não me responsabilizo por erros de interpretação.

Quando submetemos a natureza ou a história humana, ou a nossa própria atividade intelectual, à análise pensante, o que nos salta à vista, em primeiro lugar é a imagem de um entrelaçamento infinito de interconexões e interações, no qual nada permanece o que e como era nem onde estava, mas tudo se move, se modifica, devém e fenece.

Anti-Dühring, F. Engels, p. 49

Desejo ardentemente uma crítica científica desta obra, não dessas que fabricam teorias sobre a existência humana num gabinete de estudos, mas daqueles que extraem as suas descobertas da vida real dos homens por um contacto íntimo com eles, como sempre me esforcei por fazer.

Psicologia de Massas do Fascismo, W. Reich, p. 7-8

INTRODUÇÃO

Este trabalho teria sérias dificuldades de se desenvolver em se propondo ser uma chamada a soluções prontas de um problema que, mesmo já estando posto, parece-nos mostrar-se ainda restrito às suas primeiras interrogações. Animamo-nos ao olhar a história de nossos camaradas e perceber que não é do feitio de um comunista trazer às perguntas respostas que não pode dar e admitimos, desde já, que este talvez seja o maior obstáculo ao nosso projeto num tempo onde surgem tantas elucubrações fantásticas de cabeças que se poupam do esforço que é pensar com os pés aterrados no chão. Achamos importante, na consecução de nossos objetivos, que deixemos as ondas da praia nos tocarem antes que nos ponhamos a falar do mar. Prometemos que esta curta análise se restringirá a questões pertinentes para nosso trabalho, sabemos que o crucial diz menos respeito aos dados que ao método, pois, já disse o historiador Nelson Werneck Sodré (1911-1999) (1985), botânico não é aquele que sabe o nome de todas as plantas (p. 13).

PRAIA SEM CHEIRO NEM HORIZONTE

A primeira coisa que deve ficar claro a partir do momento que começamos a nos debruçar sobre a realidade que permeia este trabalho é que ele se dá na intersecção de duas crises, a primeira, que esperamos esteja próxima de uma solução, nada mais fez do que agravar e expor em toda sua brutalidade a segunda, falo aqui, respectivamente da crise sanitária e da crise econômica. Os fundamentos desta última não serão objetos de análise, basta que se coloque que acreditamos ser ela um terremoto que tem como seu epicentro a crise de 2008 e como seus sismos tardios a retomada mais brusca de políticas de choque visando salvar os lucros das grandes empresas da centralidade do Capital. O fundamental aqui são seus efeitos que hoje convertem a realidade do povo brasileiro em um misto de estado de sítio¹, desemprego, informalidade², com um número de mortos por homicídios equivalentes aos de uma Guerra Civil (43.892 em 2020, quase 21 a cada 100.000 habitantes) e uma política de austeridade asfixiante (aqui se destacando em especial a Emenda Constitucional 95).

Este cenário se articula com um terreno fértil para alternativas políticas que se pautem no desespero da população, estas oferecendo ou não um projeto alternativo para acabar

¹ Quanto a isso são de se ressaltar as Intervenções Militares nas favelas (prenunciadas pelas famosas Unidades da Polícia Pacificadora), que nos últimos anos tiveram como maior expoente a operação no Rio de Janeiro comandada pelo General Walter Souza Braga Neto (hoje Ministro da Defesa do governo Bolsonaro) em 2018, e as Intervenções Penitenciárias (organizadas em Força Tarefa, a FTIP) institucionalizadas pelo então Ministro da Justiça e da Cidadania do governo Temer, Alexandre de Moraes. O ambiente de “garantia da segurança institucional” vem se construindo há alguns anos nos fazendo crer que não é nenhum absurdo afirmar a já existência de um Estado de Exceção para uma parcela majoritária do povo brasileiro que talvez nunca tenha vivido no suposto Estado Democrático de Direito tendo em vista que tratamos aqui apenas de medidas mais recentes.

² Sobre isso alguns dados pertinentes podem ser encontrados em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acessado em 03/10/2021. É de se notar um desemprego passando os 14% e uma subutilização que já alcança quase 29%, sem contar é claro com as reformulações que tem enfrentado o mercado de trabalho brasileiro em termos de restrição de direitos (aqui são de se destacar tanto a Reforma Trabalhista, L13467, que encampou tanto a intermitência quanto a negociação individual entre patrão e trabalhador que, num cenário como este, representa um forte avanço da desregulamentação do trabalho, quanto a Lei da Terceirização, L13429, além da aprovação, a doze de agosto do presente ano, enquanto este trabalho era escrito, de uma pequena reforma trabalhista a partir da medida provisória 1.045/2021.).

superar a situação atual. É aqui que se elege Jair Bolsonaro com uma tática que em linhas gerais, articulava um descontentamento completo com a política institucional com a anacrônica afirmação da essência política de tais instituições em forma dum projeto de resguarda e continuidade dos interesses do patronato brasileiro, sempre subserviente aos mandos e desmandos do capital internacional. A progressiva militarização do governo, as frases indecorosas e os abusos de poder mais escrachados, provocaram, até certo ponto, indignação da intelectualidade burguesa que não possuía a compreensão de que, simultaneamente a seus lamentos éticos, a base bolsonarista crescia, se configurando com uma força política disposta, inclusive, ao confronto aberto. A ideia de uma “política do ódio” parece perder a compreensão estrutural psicológica de que não existe palavra que invoque o ódio sem condições emocionais para tanto e que o desespero do povo está na raiz deste processo. Desespero este que ao mesmo tempo em que aumenta, é canalizado pelo bolsonarismo num golpe contra um inimigo comum, cada vez mais disforme e abrangente. O capital político de Bolsonaro começava a assustar a quem outrora lhe dera sua chancela, lembrando que política é um jogo de forças e que a vitória será sempre da força sem frases sobre a força das frases (ENGELS & MARX, s/ano, p.169)³.

Trabalharemos na busca da estrutura psicológica fundante de nossa atual situação ao longo deste trabalho conseguindo assim uma visão dialética que seja capaz de dar conta da totalidade que se nos apresenta. Marx nos introduz a um cenário em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* que nos pode ser útil para alcançar nosso objetivos

Nenhuma Circe desconfigurou com seu encanto maligno a obra de arte da república burguesa, convertendo-a em um monstro. Essa república só perdeu sua aparência de respeitabilidade. A França atual se continha já íntegra na república parlamentar. (*Ibidem*, p. 168)⁴

Substituam-se república burguesa/parlamentária por Estado Democrático de Direito e França por Brasil, e aqui não se trata de uma transposição mecânica, senão de uma exposição útil, compreendendo o caráter estrutural do acirramento dos tensionamentos de classe em suas repercussões a níveis individuais e coletivos, na qual avançaremos agora considerando a crise sanitária em que nos encontramos imersos.

A sustentação do Governo Bolsonaro até então se dava pela radicalização do desespero às vias de uma “solução” para os males maiores da população. Parte da burguesia, mãe destes males, entre 2018 e 2020 abraçou sem menor escrúpulo está alternativa, e outra parte abraçou com alguns escrúpulos éticos se restringindo a um debate formalista sem, no entanto, ser contrária as suas propostas de forma mais geral (desde a Reforma da Previdência até a Reforma Administrativa, a política macroeconômica, a política carcerária, política antidrogas entre outros...)⁵, e a sua base de sustentação popular se

³ No consultado: “Pero si la caída de la república parlamentaria encierra ya en germen el triunfo de la revolución proletaria, su resultado inmediato, tangible, era *la victoria de Bonaparte sobre el parlamento, del poder ejecutivo sobre el poder legislativo, de la fuerza sin frases sobre la fuerza de las frases.*”

⁴ No consultado: “*Ninguna Circe ha desconfigurado con su encanto maligno la obra de arte de la república burguesa, convirtiéndola em um monstruo. Esa república sólo perdió su apariencia de respetabilidad. La Francia actual se contenía ya íntegra em la república parlamentaria.*”.

⁵ Chegamos hoje ao ponto de não haver absurdos em afirmar a existência de um bolsonarismo anti-Bolsonaro.

mantinha constante entre 40% e 30% do eleitorado, esta correlação irá se tensionar a partir de Março de 2020⁶.

Quando a crise sanitária desembarca no Brasil (e aqui falamos literalmente uma vez que os primeiros vetores identificados da COVID-19, também conhecida como coronavírus, são oriundos de viagens por outros epicentros anteriores desta pandemia) uma comoção social se instala durante cerca de um mês. Campanhas pelo distanciamento social tem início, porém com uma prática concreta restrita a organizações comunitárias na distribuição de cestas básicas e produtos de higienização, somando-se a estas um impulso de filantropia que aos poucos foi minguando. Os números sobem, a campanha não se sustenta e a fome se agrava com demissões e flexibilizações de contratos chanceladas pelo governo. O palavrório de setores liberais começa a descarrilhar levando estes inclusive a defender a distribuição de auxílio emergencial aprovada entre março e abril no Congresso.

O auxílio instituído é requisitado por mais de 60 milhões de brasileiros, o desemprego cresce, o comércio fecha e a pandemia começa a ganhar terreno em um país marcado pela austeridade e a precarização do trabalho, e quando a pandemia ganha terreno, constrói covas. Os números de mortos e infectados sobem atrelados a campanha informal do governo contra todas as medidas de distanciamento, que ganha força num momento onde avança a fome, a carestia e o desemprego. O auxílio, única possibilidade concreta de sustentar o distanciamento, variava entre 600 e 1.200 R\$ e se mostrava fraco ante as necessidades de nosso povo, sendo seu valor máximo próximo ao salário mínimo. Neste cenário devemos ter em mente o levanto no qual, mês após mês, o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) se empenha para demonstrar as discrepâncias entre o preço de vida no Brasil e o que ganham os brasileiros⁷.

À medida que as mortes aumentavam a base bolsonarista tendia a minguar, no entanto, o bolsonarismo pôde se reafirmar por meio de palavras de ordem que tocavam a população que precisava sobreviver, o que significa, em nossa sociedade, vender sua força de trabalho, levando inclusive ao apoio de práticas como o uso de medicamentos sem comprovação científica no combate ao vírus (hidroxicloroquina, ivermectina, entre outras...) e a um ódio contra o “totalitarismo do uso de máscaras”⁸. Após uma política de imunização que consistia na contaminação em massa, sabotagem na compra de vacinas pelo Ministério da Saúde e por alguns governadores estaduais, o governo federal passa a adotar o discurso pró-vacinação, sendo responsável por uma média móvel que chegou a mais de 2800 brasileiros mortos por dia em abril de 2021⁹.

O cenário é que, mesmo atrelando isso tudo a denúncias de corrupção, Bolsonaro ainda contava com uma base de massas disposta a um conflito aberto e que em Porto Alegre, nossa cidade, outrora epicentro mundial da pandemia, ocupava aos domingos a rua em

⁶ Enquanto escrevemos, Outubro de 2021, sua popularidade é de aproximadamente 22%.

⁷ Em março de 2020 o DIEESE apontava um mínimo necessário de 4.483,20 R\$, um ano depois, em sua última pesquisa o valor era de 5.315 R\$. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acessado em: 03/10/2021.

⁸ Frase do governador Romeu Zema de Minas Gerais.

⁹ Ver: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/18/brasil-chega-a-373-mil-mortos-por-covid-pais-registrou-1553-mortes-em-24-horas.ghtml>. Acessado em: 03/10/2021.

frente ao Comando Militar do Sul até ser confrontado por um movimento antifascista que começava a se organizar.

Em um cenário de mais de 370 mil conterrâneos mortos, abril de 2021, começamos a escrever este trabalho¹⁰ compreendendo que a organização social fundada na dominação de classe burguesa se sustenta através de condições também subjetivas propícias a práxis da acumulação. Hoje, observamos três correntes na esteira das eleições do ano vindouro: a desesperança social que se manifesta politicamente na renúncia a luta concreta em nome de 2022, o respeito litúrgico a autoridade da austeridade fiscal mesmo com o sufocamento progressivo do povo brasileiro que pode ou não aliar-se a Bolsonaro, e o misticismo bolsonarista que se articula a partir do desespero para tentar sua sustentação seja em investidas golpistas, seja em uma possível reeleição.

A alternativa mais forte para o momento parece guardar sua credibilidade no realismo de oposição que busca se construir em torno de um candidato para 2022, sendo as duas figuras mais proeminentes o ex-presidente Lula e o ex-ministro Ciro Gomes, o primeiro guardando um respaldo popular remanente de uma época de maior trabalho de massas do Partido dos Trabalhadores (PT) atrelado a um governo de crescimento e expansão de crédito, e o segundo se garantindo sob a fachada tecnocrata de bom gestor formado no estrangeiro com seu *know-how* pronto para servir o país. As três formações caracterizadas sustentam a ideologia dominante como nos lembra Slavoj Žižek, ou seja, como uma crença (ou uma descrença) fundamental que sustenta uma fantasia reguladora da atividade social (ŽIŽEK, 1996, p. 317): a acumulação de capital seguirá, o respeito a propriedade seguirá, a própria confiança passiva nas instituições burguesas segue de pé, sejam sob uma fachada realista, seja sob o verniz radicalizado que o fascismo traz¹¹, a praia que encontramos por um lado parece não ter horizonte, e por outro, não tem cheiro¹².

É neste cenário, onde a mistificação impera em suas facetas mais variáveis que este trabalho busca encontrar o fio que conduz essas manifestações, não para se colocar por sobre estas com uma superioridade ética, mas para buscar a responsabilidade que nos cabe fazendo parte de um último “ator” desta conjuntura: aqueles que têm uma proposta revolucionária e que constroem alternativas populares e coletivas que visam a derrocada do capitalismo e uma organização racional da sociedade onde não haja contradição entre a política e a vida concreta dos sujeitos e onde cada um tenha confiança para construir a realidade social em todos os espaços que toma parte.

Há aqui um ponto determinante de ruptura entre a realidade concreta e o sujeito: esta se lhe apresenta como algo inapreensível, ou ao menos, algo que não pode reconhecer sua verdade e o caráter de necessidade de seu desejo. Esta, veremos, é uma estrutura emocional imprescindível para a sociedade do Capital. A estrutura jurídica burguesa e mesmo a radicalização fascista que parece se colocar contra esta dependem de um sujeito que não confie na realidade para acolhê-lo e tampouco confie em si mesmo para transformar a realidade: sua vida em civilização se torna um eterno ato de sobrevivência onde o medo do mundo externo lhe faz, ora se recolher atônito, ora se engajar em lutas

¹⁰ Encerramos a escrita deste trabalho em Outubro de 2021 com o país chegando a marca de 600 mil mortos.

¹¹ Vale lembrar que o programa máximo do fascista brasileiro é a Intervenção Militar Constitucional que seria garantida pelo Artigo 142 da Constituição de 1988.

¹² Perda de olfato é um dos sintomas da COVID-19.

que lhe prometem segurança. O dualismo cartesiano da mente e do corpo se radicaliza, as vísceras são caladas e o ser humano tenta se manter vivo aniquilando a própria possibilidade de vida.¹³

É no fim da exploração de classes em que encontramos a reunificação do sujeito desejante, já não cindindo, apto para assumir suas vontades em sua prática real e para buscar o reconhecimento de outros sujeitos a sua liberdade. Desenvolveremos este problema ao longo de nossa exposição, problema que nos foi posto pela primeira vez nos estudos de Wilhelm Reich:

É aqui que se põe o problema de saber como é que as contradições internas, que produzem o conflito psíquico interno, derivam do conflito primordial entre o eu e o mundo exterior, e como é que seguidamente elas se autonomizam. Este problema central da natureza da "lei de desenvolvimento dialético" só surgiu há pouco tempo quando começou a incidir o interesse no problema da formação do carácter. [...] (E)m *Marx*, o problema de saber como se chega à formação da contradição interna pareceu-me sem resposta. Mas pode acontecer que, na época em que estudava a filosofia de Marx eu não me tenha debruçado sobre a concepção deste problema, e, portanto, me tenha passado despercebido. (REICH, 1983, p. 92)

Não acreditamos que estivesse sem resposta, mas que o tempo guardava um desenvolvimento ulterior do marxismo para que encontrasse em algumas das formulações de Marx as portas de entrada para uma psicologia materialista, é para isto que nos voltaremos agora.

¹³ Frantz Fanon (1952, p. 176), ao partir de Hegel em seu *Pele Negra, Máscaras Brancas* nos dá uma síntese brilhante do alemão em sua teoria do reconhecimento e que será muito útil para expor nosso ponto de vista: "O homem não é humano senão à medida que ele deseja se impor a outro homem, afim de se fazer reconhecer por ele. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é esse outro que permanece como tema de sua ação. É desse outro, é do reconhecimento por esse outro, que depende seu valor e sua realidade humanas. É nesse outro que se condensa o sentido de sua vida.". No consultado: "L'homme n'est humain que dans la mesure où il veut s'imposer à un autre homme, afin de se faire reconnaître par lui. Tant qu'il n'est pas effectivement reconnu par l'autre, c'est cet autre qui demeure le thème de son action. C'est de cet autre, c'est de la reconnaissance par cet autre, que dépendent sa valeur et sa réalité humaines. C'est dans cet autre que se condense le sens de sa vie."

MARX E A PSICOLOGIA

“Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um ‘instinto’ nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência [sic] de sua ligação com o corpo.” (FREUD, 2021d, p. 73)

A citação de Freud¹⁴, acima, é daquelas que marcam a trajetória de muitos iniciados no eixo da psicanálise, assim como marcou a minha. A diversidade de elementos que ela carrega abre brechas para estudos dos mais variados e não foi por tornarmos-nos adeptos das teorias de Wilhelm Reich que ela perdeu peso em nossas vidas, naturalmente. Também enquanto comunista deparamo-nos com a continuação da frase, “uma medida de exigência imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal.”, e nos encontramos novamente com elementos que fundamentam o caráter necessário inclusive do fim da exploração da nossa sociedade¹⁵. Esta ideia de exigência ao anímico toca fundamentalmente na forma como nos relacionamos com o mundo exterior açambarcando a relação de dualidade corpo e mente, a historicidade de nossa maneira de nos relacionarmos com o mundo e a cisão psicossomática que defenderemos ao longo deste trabalho como fundante da sociedade do Capital.

CHAMANDO OS HOMENS PRO SEU TEMPO DE VIVER

Taiguara, em sua música *Que as Crianças Cantem Livres* (1973), estrutura um verdadeiro manifesto aos sentidos do ser humano: primeiro fala do tempo que passa e do fruto que enverga o velho pé, demonstrando o ímpeto da natureza num vento forte que quebra telhas e vidraças. Avança sobre aquilo que nos para no tempo, nossas preocupações que parecem tão óbvias, o calor, a gravata que sufoca, a mulher que faz falta, a falta de dinheiro e questiona até que ponto realmente é este nosso problema? Ao nos atentarmos e questionarmos nossas dores ele chama a atenção praquilo que, dentro do prosaico, não poderia ser: o fogo brando que funde um ferro duro, o asfalto que vira jardim, o sol nascente que avermelha o céu escuro e como tudo isso é um chamado: chama os homens pro seu tempo de viver. A música deságua num hino final, pede que as crianças cantem livres sobre os muros, que ensinem sonho ao que não pode amar sem dor e por fim que o passado abra os presentes pro futuro, futuro este que não dormiu, mas que preparou o amanhecer...

A música firma os pés do sujeito no chão, lhe questiona o que é certo de si, o que é certo de seu redor, e lhe convida por fim a viver. Viver na acepção concreta da palavra, viver na realidade de seu tempo e sabendo que o futuro é nosso, que o asfalto que rasga embaixo de pneus pesados, também pode rasgar pelas flores que brotam do chão. Este é o dever que Marx assume ao escrever em seu prefácio da *Contribuição da Crítica da Economia Política*: “Não é a consciência do homem que determina seu ser, senão, pelo

¹⁴ A edição dos textos de Freud utilizada, traduz a palavra *trieb* como instinto, no entanto, temos a predileção pelo uso do termo “pulsão”. O mesmo vale para a utilização de “recalque” ao invés daquilo que os textos utilizados chamam de “repressão”.

¹⁵ Verdade seja dita, não é segredo para alguém familiarizado com os textos mais tardios de Freud sua antipatia pelo comunismo.

contrário, é o ser social que determina sua consciência.”¹⁶ (ENGELS & MARX, s/d, p. 182). Aqui, desde já este conflito entre o meio externo e o sujeito se configura em uma forma de consciência, e a solução deste conflito passa por compreender como se estrutura esta forma.

À primeira vista, talvez soe ao leitor estranho buscar as soluções deste problema psicológico num autor que viveu naquilo que seria considerada a pré-história da psicologia científica, na melhor das hipóteses coexistindo com os considerados fundadores da mesma como Wilhelm Wundt (1832-1920), William James (1842-1910), John Watson (1878-1958) ou até mesmo Sigmund Freud (1856-1939), no entanto, como aqui não utilizamos do positivismo de grandes nomes que se formam iluminados por raios de sol ao pisar um dia na varanda de suas casas, compreendemos que as diversas aproximações destes senhores concernem ao desenvolvimento de uma visão de mundo sobre o sujeito e a partir deste. Aos não familiares como o marxismo, vale citar as palavras de Georg Lukács (2012,): “Em matéria de marxismo, a ortodoxia se refere antes e exclusivamente ao *método*” (p. 64, grifos do autor). É neste método que encontraremos as raízes para uma Psicologia Materialista.

Este trabalho busca ser o que compreendemos que foi a música de Taiguara, um convite à compreensão das formas de ser e de estar dos sujeitos de hoje em busca de uma construção de uma alternativa coletiva que faça novamente a flor nascer do asfalto, esta compreensão talvez restitua a psicologia ao seu lugar de ramo da filosofia, não tenho problemas em fazê-lo, mas compreendo que isso possa causar revolta no pensamento científico burguês que vê mais vida em um galho cortado do que em uma árvore pulsando seiva¹⁷. Meu objetivo, assim como o de Marx, é o de que deixemos de apenas interpretar o mundo e comecemos a transformá-lo (ENGELS & MARX, s/d, p. 26).

A FILOSOFIA DA RELIGIÃO E A RELAÇÃO DE DOMINAÇÃO

Marx e Engels começam seus trabalhos conjuntos com algumas peças dedicadas à luta teórica enredada contra os chamados “hegelianos de esquerda” que permeavam o ambiente intelectual da Alemanha da época¹⁸. Naquele momento, ambos se dedicaram a desarmar um pensamento que ora se apresentava como um materialismo vulgar que buscava ser uma superação de Hegel e que se voltava apenas para a realidade sensorial, passiva, do ser humano, e um idealismo voluntarista, que tinha por pretensão dar curso a epopeia do Espírito Absoluto e a progressão inabalável da história. Estes debates levaram os dois ao avanço intelectual que almejavam, prescindindo inclusive de que

¹⁶ No consultado: “*No es la conciencia dele hombre la que determina su ser, sino, por el contrario, el ser social es lo que determina su conciencia.*”

¹⁷ “O trágico e o dialético da situação de classe da burguesia revela-se no fato de que não somente é do seu interesse, mas é até mesmo uma necessidade imprescindível para ela adquirir, sobre cada questão particular, uma consciência tão clara quanto possível dos seus interesses de classe, mas que se torna fatal para ela se essa mesma consciência se estender à *questão da totalidade*. A razão disso é sobretudo o fato de que a dominação da burguesia só pode ser a dominação de uma minoria.” (*Ibidem*, p. 167, grifos do autor).

¹⁸ Destacam-se os trabalhos *A Sagrada Família* (1844, único publicado à época), *Teses sobre Feuerbach* (1845, publicado em 1888) e *A Ideologia Alemã* (1846, publicado entre 1924 e 1932).

certas obras fossem publicadas à época por problemas editoriais sendo assim entregues a “crítica roedora dos ratões” (*Ibidem*, p. 184)¹⁹.

Já antes Marx chegara a uma conclusão pertinente a este debate, a saber: a contração de relações necessárias independentes de sua vontade, relações de produção, corresponde a uma dada etapa de desenvolvimento material da sociedade (*Ibidem*, p. 182). Era sobre esta base material que deveria começar a trabalhar aquele que desejasse vicejar uma realidade social diferente, e o que se apresentava no panorama intelectual da época era, ou uma intervenção sobre a realidade desenraizada desta, recheada de voluntarismo e calcada sobre uma valorização da cabeça, o idealismo, e outra que dentro de uma esfera sensorial via a possibilidade de mudança social realizando uma nova forma do ser humano se relacionar com o mundo, sem, no entanto mudar este mundo, o materialismo vulgar. Marx em seus 26 anos tomará para si a responsabilidade de atar essas pontas soltas, pautando uma prática revolucionária fundada num corpo e num sujeito que mantivesse seus pés no chão.

Engels e Marx chegarão à conclusão de que tanto o idealismo quanto o materialismo, se sustentam sob uma naturalização das relações históricas: elas se tornarão normativas religiosas que configurarão a práxis social²⁰, as verdades sociais de outrora ganham validade de universais que se manifestarão em ciências “analíticas” cada vez mais desterradas da realidade concreta uma vez que cada vez mais particularizadas. Desligadas da realidade, mas como fala o aforisma marxiano, seguem sendo o ópio do povo (MARX, 2013a, p 151).

Essa frase mais do que uma arrogância antirreligiosa é um chave para compreendermos a realidade da constituição subjetiva do capitalismo, em ler a página inteira compreenderemos melhor o que significa, em primeiro lugar, a religião para Marx:

[É] a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em sua forma popular, seu *point d'honneur* espiritualista, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua base geral de consolação e justificação. Ela é a *realização fantástica* da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indiretamente, contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião (*Ibidem*, grifos do autor).

Aqui temos a perspectiva, não da conjugação de um credo, e vejam, Marx aqui é muito respeitoso no trato com o sujeito religioso, mas configura ele como não possuindo uma realidade verdadeira senão uma *realização fantástica*, realização esta, por sua vez, calcada numa teoria geral sobre o mundo, que ao mesmo tempo é o aroma espiritual deste mundo. Dessa forma ela se constitui enquanto consolação e justificação, uma forma de moral... Perguntamos então se apenas aquilo que comumente se concebe por religião cabe nesta descrição? A resposta é não, e quem diz isso não somos nós, é Marx.

¹⁹ No consultado: “En vista de esto, entregamos el manuscrito a la crítica roedora de los ratones, muy de buen grado, pues nuestro objeto principal: esclarecer nuestras ideas, estaba ya conseguido.”

²⁰ “Pouco a pouco, toda relação dominante foi declarada como uma relação religiosa, e transformada em culto, culto ao direito, culto ao Estado etc.” (ENGELS & MARX, 2007, p. 84).

Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem *faz a religião*, a religião não faz o homem. E a religião é de fato autoconsciência e autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o *homem* não é um ser abstrato, acorrido fora do mundo. O homem é o *mundo do homem*, o Estado, a sociedade. Esse Estado e essa sociedade produzem a religião, uma *consciência invertida do mundo*, porque eles são um *mundo invertido* (*Ibidem*).

Estado e sociedade, portanto também são produtores de religião, a *consciência invertida* de um mundo invertido, a grande questão que fica é, *no que consiste esta inversão*? Como ela se origina, de onde veio, pra onde vai, do que se alimenta? Sabemos que esta se produz em um sujeito que não conquistou a si mesmo e que por isso torna consciente e tem sentimentos que expressam a religião, mas o caráter da crítica irreligiosa não é o de uma psicologia de processos religiosos, senão o da compreensão que *a religião é uma forma de pensamento que possibilita a retirada do ser humano da prática real*: a religião que é obra do homem, agora lhe aparece como o contrário, o que o ser humano perde de si mesmo, e o que faz surgir a religião em primeiro lugar, é o caráter criador que o sujeito já não reconhece em si mesmo.

O ser humano, ao fazer a crítica da religião, ao buscar “na realidade fantástica do céu”, um “super-homem”, viu seu reflexo, e hoje já não busca mais apenas a aparência de si, inumana, se não a “autêntica realidade”. Como alguém que olha algo brilhar embaixo d’água e procura uma joia até perceber que o brilho era refletido de seus próprios olhos. O ser humano não é um objeto de forças fantasmagóricas que lhe regem a vida, ele é autor de suas condições de vida e, em seus pés firmados no chão, pode por fim sentir que toca o céu.

Chegamos assim ao primeiro parágrafo da página onde Marx atesta: a crítica da religião chegou ao seu fim na Alemanha. Esta é o fundamento de toda a crítica. Para a crítica *irreligiosa* nascer, a crítica da religião deve ser levada até suas últimas consequências. O que atesta Marx no início de seu texto, no entanto, não se concretizou, a religião se renova, e sua crítica religiosa também, por mais putrefeita que seja²¹. O problema está colocado: o ser humano retomar seu papel prático, retomar o contato com seus sentimentos como alguém que se conquistou, e construir a realidade a partir deles.

A conclusão a que aqui chegamos é a de que as relações dominantes se pintam como universais e eternas a partir do momento em que destituem o ser humano de seu caráter prático, desenraizam-lhe, criam teorias realistas na forma ao partir deste ser, mas ignoram que este não flutua no ar, e ao negar-lhe a realidade lhe negam a humanidade a partir de seus paradigmas.

²¹ Sobre isso é interessante notar os apontamentos de J. Dean a respeito do que imaginamos que seja “trabalho político”: “Sob condições onde a transformação política parece completamente fora de alcance, nós podemos imaginar trabalho político como auto-transformação.” (DEAN, 2019, p. 17). Do original: How do we imagine political work? Under conditions where political change seems completely out of reach, we might imagine political work as self-transformation.” A crítica da autora aqui a certas concepções políticas individualistas de nossa etapa histórica se assemelha com a crítica de Marx e Engels ao sensualismo materialista que fala em mudar o sujeito sem mudar o mundo em que habita, exposta no texto tardio de Engels *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, crítica esta que também traz a pecha de filosofia da religião (ENGELS & MARX, s/d p. 635).

Mas existe um porém, se o humano é destituído da prática real, como ele age no mundo? Aqui é importante termos em mente que ele está cindido entre sujeito e objeto, entre corpo e espírito, o que lhe rege as mãos já não precisa ser sua subjetividade, se não a necessidade de se manter vivo em um mundo que lhe ameaça quando descumpre as relações dominantes. A cisão, portanto, não é prática, se não de práxis, ou seja, da unidade dialética entre sua prática e sua visão de mundo e forma de vida, no geral, aquela primeira se esforçando para explicar esta última, que lhe escapa cada dia um pouco mais.

A FILOSOFIA DA PRÁXIS

O marxista italiano Antonio Gramsci (1891-1937) teve por ambiente de sua flor da idade teórica o cárcere. Por conta do funil fascista pelo qual passavam os materiais a que tinha acesso, Gramsci era obrigado a manter um rigoroso controle sobre as expressões que fazia uso em seus Cadernos do Cárcere, e uma destas expressões que mais chama a atenção é a que visava se referir ao marxismo: ele o intitulava Filosofia da Práxis. Aqui não temos por objetivo, e tampouco temos propriedade para tanto, fazer uma análise do porquê esta foi a escolha de nomenclatura do marxista sardo. Partiremos deste nome porque ele traz a baila o ponto fundamental deste capítulo: a cisão da práxis e a contribuição do marxismo enquanto visão de mundo para a Psicologia e também pra transformação de mundo a partir desta.

Vejamos, Marx não inaugura uma compreensão crítica desta cisão, mas ele a leva até suas últimas consequências abordando esta a partir de sua necessidade histórica. Isso ficará mais claro quando abordarmos a constituição subjetiva na sociedade do Capital e a ideia de fetichismo de mercadoria em capítulo adiante, o que precisamos colocar aqui é que o conceito marxiano de religião vê em uma Filosofia da Práxis sua dissolução. A filosofia da religião perde seu caráter progressista a partir de um momento em que, sendo o fundamento de toda a crítica, funda em seu seio a crítica irreligiosa.

Esta crítica, que será capaz de colocar em cheque não apenas a religião, mas o mundo que dela depende enquanto ficção que funda uma prática social (ZIZEK, 1996, p. 317), se tornará força material à medida que se apodere das massas²² (MARX, 2013a, p 157). Marx aqui dá o salto de uma crítica que engloba a totalidade da práxis, e que vê seu poder real na materialidade de um sujeito coletivo em busca de sua emancipação.

Zizek faz questão de enfatizar o caráter de totalidade desta crítica que busca superar não apenas uma falsa consciência, abaixo apresentada a partir do conceito de ideologia²³, que deve ser desmistificada, mas uma prática sustentada por esta consciência e que por sua vez sustenta o misticismo,

Essa, provavelmente, é a dimensão fundamental da ‘ideologia’: a ideologia não é simplesmente uma ‘falsa consciência’, uma representação ilusória da realidade; antes, é essa mesma realidade que já deve ser concebida como ‘ideológica’: *‘ideológica’ é uma realidade social cuja própria existência implica o não-conhecimento de sua essência por parte de seus participantes*, ou seja, a efetividade social cuja própria reprodução implica que os indivíduos ‘não sabem o que fazem’.

²² Este é um ponto fundamental porque aqui Marx rompe com a perspectiva burguesa de desenvolvimento intelectual da humanidade pautado em grandes indivíduos, talvez um dos pontos mais importantes e ignorados ao se analisar as lutas populares na Era Burguesa.

²³ Veremos como os conceitos de ideologia, religião e fetichismo se entrelaçam adiante.

'Ideológica' não é a 'falsa consciência' de um ser (social), mas esse próprio ser, na medida em que ele é sustentado pela 'falsa consciência'." (ZIZEK, 1996, p. 305-306, grifos do autor).²⁴

A construção dessa emancipação passa pela reunificação da práxis em sua coerência dialética. Engels em seu *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*, destaca que há um ponto no desenvolvimento da espécie humana em que os "homens se acostumaram a explicar seus atos por seus pensamentos, em lugar de buscar esta explicação em suas necessidades" (ENGELS & MARX, s/d, p. 377-378)²⁵. Se por um lado diferimos dos animais ao conseguir planificar nossas ações (*Ibidem*, p. 378) deixamos de nos apropriar desta planificação para nossas necessidades. A máxima de Freud de que o homem deixa de ser Senhor de sua própria casa ganha um corpo histórico e social.

Aqui, chegamos ao inconsciente, àquilo que nos escapa em nossa própria prática, e que, por nos ser estranho, por nos causar um desconforto, utilizamos das palavras e pensamentos para contornar, racionalizar e adequar ao regime de vida social no qual nos enquadrados. A Revolução, no entanto, não se trata de todos fazermos terapia para que em dado momento consigamos nos reorganizar em nossa práxis para dar um fim ao capitalismo, mas de *reencontrarmos na construção coletiva um caminho que se sobreponha as fantasias individuais* (aqui nos utilizando do termo fantasia no sentido marxiano supracitado)²⁶. Agora, saímos do marxiano e adentramos no marxismo, mais precisamente, no marxismo-leninismo.

O MARXISMO-LENINISMO, A FANTASIA SE DISSOLVE NO COLETIVO

Ao falar do marxismo-leninismo entramos num terreno quase tão inóspito teoricamente quanto hospitaleiro na prática concreta. Não adentraremos em polêmicas sobre as raízes históricas do nome, nosso dever não é com a hermenêutica, mas com a concretude do que veio a se tornar esta tradição política. Tampouco abusaremos de citações: o que dá origem a estas linhas é o aprendizado no dia a dia em uma organização comunista, e a

²⁴ Sobre isto é interessante notar o surgimento de "marxólogos", ou seja, "aqueles que, com maior ou menos simpatia pelo marxismo, utilizam, ou pretendem e declaram utilizar, o método marxista, mas não são marxistas, e fazem mesmo questão de deixar clara essa posição" (SODRÉ, 1985, p. 43), a marxologia, em não sendo fundada em uma prática assim, cumpre um papel reacionário de retornar o marxismo ao campo da filosofia da religião.

²⁵ No consultado: "Los hombres se acostumbraron a explicar sus actos por sus pensamientos en lugar de buscar esta explicación en sus necesidades". Este texto talvez seja o esboço mais concreto de uma história da práxis na obra marx-engelsiana.

²⁶ "Mas também aqui, aproveitando uma experiência larga, e às vezes cruel, confrontando e analisando os materiais proporcionados pela história, vamos aprendendo pouco a pouco a conhecer as consequências sociais indiretas e mais remotas de nossos atos na produção, o que nos permite estender também a estas consequências nosso domínio e nosso controle.

De qualquer forma, para levar a cabo este controle se requer algo mais que o simples conhecimento. Faz falta uma revolução que transforme por completo o modo de produção existente até hoje e, com ele, a ordem social vigente." (ENGELS & MARX, p. 381). No consultado: "Pero también aquí, aprovechando una experiencia larga, y a veces cruel, confrontando y analizando los materiales proporcionados por la historia, vamos aprendiendo poco a poco a conocer las consecuencias sociales indirectas y más remotas de nuestros actos en la producción, lo que nos permite extender también a estas consecuencias nuestro dominio y nuestro control. Sin embargo, para llevar a cabo este control se requiere algo más que el simple conocimiento. Hace falta una revolución que transforme por completo el modo de producción existente hasta hoy día y, con él, el orden social vigente."

simplicidade que daremos a essas linhas visa convidar quem mais se interessar por este trabalho. Não traremos um quadro geral do marxismo-leninismo, mas sim aquilo que parece pertinente em termos da nova sociabilidade que organiza o coletivo em questão.

O marxismo-leninismo é uma tradição política que visa à tomada do poder pela classe trabalhadora a partir de condições concretas subjetivas e objetivas vislumbrando a transformação coletiva da sociedade. São partidárias desta tradição as organizações que se organizam pelo Centralismo Democrático²⁷, vislumbrando a formação de um sujeito coletivo capaz de construir as lutas econômica, política e teórica da classe trabalhadora enquanto vanguarda no processo revolucionário partindo do planejamento interno desta ação e da formação profissional de quadros capazes de executar as tarefas necessárias à tomada do poder.

A realidade disto, e este é o principal argumento desta parte do capítulo, a ser destrinchado nos capítulos posteriores, é um mecanismo pedagógico e terapêutico que propicia uma sociabilidade construtiva que desfaz as relações dominantes pouco a pouco. Em primeiro lugar, existe um caráter de práxis a partir da responsabilidade coletiva, esta responsabilização apresenta ao ser humano seu caráter de sujeito histórico, de construtor da realidade concreta e de definidor dos rumos de sua própria vida. A função da luta coletiva e organizada não é apenas esta, e talvez esta não tenha sido sequer vislumbrada a princípio, mas a partir do momento em que o ser humano começa a ver na sua prática algo que ele identifica como seu, ele começa a restaurar sua responsabilidade individual (o valor de uso de sua força de trabalho²⁸). Como este ser humano é levado à construção coletiva é algo irrelevante, seja um traidor da classe burguesa, um religioso que encontra a unidade divina da carne no coletivo ou um jovem preto que quer tacar fogo em quem matou seus amigos.

No avanço das discussões começa-se a perceber alguns aspectos comuns a coletividade na construção de uma linha política, não importando se o camarada falou ou fez alguma proposta equivocada, ele não precisa se justificar, tampouco deve, apenas se fala o que é necessário, e se surge algum sintoma²⁹ a partir disso, é por uma característica individual que não vale a pena ser tratada no espaço de uma reunião³⁰. O giro de camaradas a tarefas diversas tampouco deve ser motivo de orgulho ou vergonha, seja qual for a tarefa, uma vez que a própria profissionalização dos indivíduos no coletivo é de responsabilidade

²⁷ O Centralismo Democrático se constitui enquanto método organizativo que se configura por hierarquias verticais de responsabilidade coletiva e que constrói sua luta pautado na diversidade de ideias em seu interior, mas na unidade de ação. O caráter democrático é sempre condicionado a funcionalidade do organismo, uma vez que numa conjuntura mais repressiva nem sempre todos podem saber de tudo, nem sempre se tem tempo para debater tudo, e numa mais branda a disputa pode e deve ser mais aberta e minuciosa.

²⁸ Discutiremos esta questão no capítulo seguinte.

²⁹ Aqui trabalhamos com a noção de sintoma presente em *A repressão* (FREUD, 2021d, pp. 85-94). Esta noção é um dos três destinos possíveis para os instintos ou pulsões: o de uma formação substitutiva uma vez que a formação inicial pulsional não foi aceita pelos processos conscientes do sujeito. A repressão desta formação inicial exige um dispêndio contínuo de força e partindo dela diversas formações substitutivas surgem à consciência a partir de uma cisão da primeira formação: uma parte se aceita a outra se rejeita. Uma vez considerada a dinâmica dos processos psíquicos, esta repressão pode aumentar, abrangendo mais formações substitutivas ou diminuir, possibilitando rupturas e crises. O que difere nossa perspectiva é considerar a origem desta repressão uma necessidade histórica do capital, o que recoloca na ordem do dia uma questão antiga de Freud, a profilaxia das neuroses, como sendo possível a partir da Revolução.

³⁰ Trataremos de alternativas terapêutica coletivas no último capítulo deste trabalho.

coletiva³¹. O próprio fato de a discussão ser coletiva possibilita que as fantasias emergam e o indivíduo com elas se confronte a partir das colocações de seus camaradas. É na vida interna coletiva que o sujeito reabilita sua responsabilidade individual sobre si e começa a compreender sua condição, o que lhe habilita também para a práxis progressivamente, tendo uma teoria fundada na realidade de sua prática e confiando nesta enquanto fruto de suas reais necessidades. Nas reuniões podem surgir culpa, vergonha, orgulho e um ambiente fraternal é fundamental para que esses sentimentos sejam acolhidos. Ainda existe certa espontaneidade nos processos internos, mas para isso é necessário avanços organizativos propositivos, os quais buscaremos perspectivar no último capítulo deste trabalho³².

Lenin sabia que é necessário pensar ‘a revolução socialista com os homens tais como são hoje, não podendo dispensar nem a subordinação, nem o controle, nem os “contramestres” nem os “guarda-livros” [...] é à vanguarda armada de todos os explorados e de todos os trabalhadores, é ao proletariado que eles devem subordinar-se.’ (2010, p. 70). Ele compreende que vivemos em uma sociedade onde todos esses componentes são parte constitutiva de nossa subjetividade de forma necessária a sustentar o Capital em sua reprodução. O coletivo que constroem, justamente por ser subordinado à luta da classe operária, possibilita que essa seja uma subordinação de outro caráter, consciente³³, e que carrega em si aquilo que o próprio indivíduo construiu:

As massas ‘[n]ecessitam de uma liderança construída ao longo da linha hierárquica, cuja atuação seja, autoritária, na superfície, mas ao mesmo tempo tenha, internamente, uma estrutura absolutamente democrática. O comunismo de Lenin está absolutamente consciente de sua missão: A “ditadura do proletariado” é a forma social que leva de uma sociedade autoritária a uma ordem social não autoritária, autorreguladora, que não necessita nem de força policial nem de moral compulsiva.’ (REICH, 2001, p. 218-219)

Esta necessidade constrói a libertação por dois eixos: por um lado cria uma organização disciplinada e hierárquica para derrotar uma organização que necessita da disciplina e da hierarquia para se sustentar (a classe dominante e sua organização social), e por outro

³¹ O relato de Dean sobre o camarada Wilderson e sua “infantil necessidade de reconhecimento” quando do encontro com o camarada Hani. Tal necessidade é algo que a autora coloca em nossa “contínua embora indesejada ligação a hierarquia, prestígio e inadequação”, e a solução para mesma é aceitar nossa igualdade, algo que pede coragem a todos nós (DEAN, 2019, p. 19).

³² É fundamental que coloquemos o caráter propositivo da crítica em se tratando de marxismo-leninismo, uma vez que não foram poucas as vezes em que se tentou anular este por meio de críticas de situações particulares ao longo de seus 120 anos. Isto se deve ao caráter político do método organizativo de Lenin que vinha em resposta ao anticoncentralismo da II Internacional e do menchevismo que buscavam separar o organizativo do político, desconsiderando este último como fator de unidade e despolitizando a organização. Sejam claros: a síntese prática de divergências políticas não confrontadas em uma mesma organização é a sua esterilidade, o rebaixamento da linha política do partido, e sua inviabilização enquanto operador revolucionário. (sobre isto o texto de Lukács *Observações metodológicas sobre a questão da organização* (2012, pp. 523-94).

³³ Aqui o termo consciente é no sentido de saber por que faz algo visando um objetivo, se contrapondo coletivamente a inconscientes individuais gerando um trânsito mais livre entre as ideias uma vez que os interditos inconscientes não são iguais para todos. A diferença mais clara com o fascismo é que aqui o sujeito constrói sua mediação social, sua prática, em um coletivo. enquanto que, no indivíduo fascista ele recebe um respaldo de um terceiro para se relacionar com o mundo dentro de um certo horizonte ideológico mais ou menos prescrito.

restitui ao ser humano seu caráter construtivo, sua qualidade de ser vivo, ativo, que busca o reconhecimento de seu desejo no mundo a sua volta. Isto reorganiza o sujeito que tem sua constituição subjetiva desorganizada pela ordem do Capital, que por sua vez é um sistema igualmente caótico com reverberações de violência histórica (como, por exemplo, quando a polícia entra na favela e a camisa colorida da criança preta se tingem de vermelho), de neurose obsessiva (como quando essa mesma polícia é encarregada de varrer as praças e alamedas aqueles que dormem ao relento), de passivo-agressividade (quando o governo, seguindo a cartilha dos bilionários, aprova uma reforma que joga o povo na miséria e se este protesta logo ouve as tropas da repressão avançando sobre a cidade em função de seu “extremismo”), e por aí vamos. Voltar-nos-emos agora para a desorganização do ser humano e seu caráter necessário.

FETICHISMO E A NATURALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

“A repressão sexual é de origem econômico-social e não biológica. Sua função é assentar o fundamento para uma cultura patriarcal e autoritária e para a escravidão econômica” (REICH, 1989, p. 200)

O raciocínio que vicejaremos neste capítulo não se pretende algo conclusivo, nem fechado. Muito pelo contrário, temos a plena certeza de que seus desdobramentos são dos mais profusos, mas caminhamos com a confiança em nosso trabalho realizado até então. O que tentaremos traçar aqui é um percurso do desenvolvimento afetivo do sujeito *necessário* à sociedade do Capital, as chamadas “necessidades subjetivas” para sustentação de nossa organização social.

Se queremos aqui compreender o sujeito em seu processo de desenvolvimento, devemos partir da forma de socialização que permeia sua realização. Primeiramente devemos considerar a historicidade da criação e da educação dentro da sociedade do Capital. É remetida a família a responsabilidade por garantir um ambiente em que um sujeito, ainda inapto para garantir sua subsistência num mundo onde esta só é possível mediante a venda de sua força de trabalho ou a compra da de um terceiro, possa crescer e se tornar um reprodutor da ordem vigente. O amor como coesão da unidade familiar e outras idealizações caprichosas são um véu pelo qual podemos evitar enxergar tal realidade, mas afirmamos que apenas a responsabilidade supracitada é efetivamente necessária. Em linhas gerais apresentamos dois pontos que introduzem a discussão de forma mais concreta:

-O que se apresenta hoje é a forma de criação mais estreita da história humana, onde a realidade necessária são famílias mononucleares. O desenvolvimento dos processos produtivos acarretaram progressivamente na destituição da família enquanto unidade produtiva³⁴ e isto traz consequências às formas de cuidado basilares para o desenvolvimento afetivo do sujeito, sendo a responsabilidade sobre isso cada vez mais particularizada³⁵ Nesse sentido, é de se destacar que, o que restou da criação comunitária, base social das comunidades indígenas e quilombolas, também sofre com o agronegócio e a especulação imobiliária num processo violento que se alimenta, para além da expansão do Capital, do racismo e ousa dizer do medo da própria vida em coletividade como tentarei demonstrar neste e em capítulos seguintes³⁶.

³⁴ Quanto a isso a análise de Angela Davis (2016), sobre a mercantilização dos processos domésticos em *Mulher, Raça e Classe*, (p. 228 e seguintes).

³⁵ Isso passa por uma transformação a partir da progressiva medicalização da criança e da expansão da nosografia psiquiátrica: a mecanização do processo de cura transforma o próprio processo de adoecimento como algo sem determinações concretas, sem uma história de vida por trás. Os pais podem respirar aliviados, eles não erraram e não há nada de problemático em nossa conformação social, o filho apenas veio com “defeito”. Fanon dizia que assiste-se “na internação [em hospital psiquiátrico] a uma autêntica coisificação do conflito”, ignorando a história de vida do paciente, (FANON, 2020, p. 96) o mesmo ocorre no processo de medicalização mecanizado.

³⁶ Sobre a organização social dos quilombos a época da escravidão, o estudo de C. Moura *Quilombos: resistência ao escravismo* (2021), em especial pp. 58, 92 e 112, onde o autor recupera os perigos que essa formação social representava enquanto negação da sociedade colonial-escravocrata e a “síndrome do medo” que isso gerava nas elites. Dadas as devidas proporções, não é nenhum absurdo pensar a forma comunitária e organizativa dos quilombos como negação da sociedade do Capital. V. Prashad reconhece a ancestralidade da forma de governo da Comuna de Paris na experiência quilombola, por exemplo (2019, p 33).

-Na legislação brasileira no Art. 1634 do nosso Código Civil (L10406) consta a competência de um “poder familiar” por parte dos pais destacando-se incisos I, que versa sobre a direção da *criação e educação*, III, que permite negar o direito ao casamento, ou seja, a troca de núcleo familiar, V, que retira do filho a autoridade de escolher a cidade onde irá morar, e, talvez o mais importante para nossa compreensão, o inciso IX, que remete aos pais o direito de exigir que prestem *obediência, respeito e serviços próprios de sua idade e condição*³⁷.

Temos aqui, portanto, a condição de subjugação concreta, um assujeitamento, presente no desenvolvimento subjetivo até a maioridade. Avançaremos agora para compreender esta subjugação em suas entranhas, a chamada vida privada.

A VIDA PRIVADA...

Para buscar a concretude da realidade social do cuidado familiar voltaremos a Marx em sua *Crítica a Filosofia do Direito de Hegel*. Aqui, ao combater toda uma visão burguesa de separação entre o público e o privado expressa no texto hegeliano, o autor dá a tônica de uma crítica a base em que se assenta o Estado moderno de democracia representativa que, à época, ainda nem se consolidara:

Tanto a individualidade particular como as funções e atividades estatais são funções humanas, ele [Hegel] esquece que a essência da “personalidade particular” não é sua barba, o seu sangue, o seu físico abstrato, mas sim sua *qualidade social*, e que as funções estatais etc. são apenas modos de existência e de atividade social do homem. (2013a, p. 48, grifos do autor)

Vejam, hoje, no modelo democrático-burguês em que vivemos, parte-se, em linhas gerais, da premissa de agentes individuais que, ou trabalharão para o bem comum, ou que, na perseguição de seus interesses, respeitando a legalidade institucional, cumprirão a expectativa social, uma vez que foram eleitos pra isso. Chamamos, hoje, o uso ilegal do Estado em benefício próprio, de corrupção, pois ela denota uma prática destoante da ordem a partir de um corruptível e um corruptor, perpassando justamente a ideia de um ente público guiado apenas pelo livre debate de ideias entre seres humanos que anulam sua personalidade particular. A abstração desta, no entanto, é impossível, uma vez que esta se constitui na *qualidade social* do sujeito³⁸. Público e privado são relegados ao papel de ficções, mas como vimos com Zizek, estas não se furtam ao papel de reguladoras da atividade social...

³⁷ Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10620733/artigo-1634-da-lei-n-10406-de-10-de-janeiro-de-2002>; Acessado em 13/05/2021, grifos nossos. Sobre isso é de se destacar o papel pioneiro da legislação penal da União Soviética: em 31 de Outubro de 1924, estabelece que “castigos em crianças, em particular, não poderiam infligir sofrimento físico, humilhação ou injúria” (PRASHAD, 2019, p. 22).

³⁸ “Marx dirá que o indivíduo privado não se reconhecerá na determinação universal abstrata, e o cidadão não se traduz na sua realidade empírica.” (ALBINATI, 2020, p. 89) Para um aprofundamento na crítica de Marx sobre este debate, p. 87 e seguintes.

Esta cisão entre vida privada e vida pública, tal como sua crítica são estruturas recentes de análise da vida social. Basta que nos lembremos do seguinte trecho do *Manifesto do Partido Comunista*:

Para o burguês, sua mulher não é outra coisa que um instrumento de produção. Ouve dizer que os *instrumentos de produção* devem ser de utilização comum, e, naturalmente, não pode evitar de pensar que as *mulheres* sofrerão do mesmo tipo de socialização. (ENGELS & MARX, s/d, p. 47)³⁹

Há aqui um ambiente de instrumentalização da família, de permissividade da vida familiar para os pais (e aqui especialmente para o pai) que encontra respaldo no princípio máximo burguês de defesa da propriedade privada: a vida privada e as relações privadas são encarnações deste princípio e o respaldo ideológico deste ambiente⁴⁰. Vale lembrar das vezes em que a obra marx-engelsiana faz menção ao fato de que a etiologia da palavra *família*, vem do latim *famulus* que significa, em linhas gerais, escravos do mesmo dono. Muda-se o caráter da família enquanto unidade de produção, mas não enquanto unidade de reprodução como dissemos anteriormente, e a família se torna o lugar em que a saúde do trabalhador e da trabalhadora se alicerçam intercedendo em nome daquele que precisa de sua força de trabalho: esta é uma mediação que leva a classe trabalhadora, mesmo em seus momentos “livres”, para além do horário legal de trabalho, a se desenvolver em favor da acumulação e da otimização do trabalho produtivo⁴¹.

Voltemo-nos para o aspecto da saúde, propriamente dito. Partindo da premissa de que há uma progressiva mecanização do trabalho humano a partir do desenvolvimento das forças produtivas, consideremos o que diz o médico francês G. Canguilhem (2009):

... reações normais (isto é, biologicamente favoráveis) acabam por desgastar o organismo, no caso de repetições anormais (isto é estatisticamente frequentes) das situações geradoras da reação de alarme. [...] As repetidas descargas de corticosterona provocam ou perturbações funcionais, como espasmo vascular ou hipertensão, ou então lesões morfológicas, como a úlcera de estômago. (p. 4).

Aqui está dado um cenário de exaustão e frustração, somatizada em espasmos e perturbações funcionais⁴². Por agora partiremos da tese de que a frustração que se

³⁹ No consultado: “Para el burgués, su mujer no es otra cosa que un instrumento de producción. Oye decir que los instrumentos de producción deben ser de utilización común, y, naturalmente, no puede por menos de pensar que las mujeres correrán la misma suerte de socialización.” Grifos nossos.

⁴⁰ Nesse sentido, lembramos aqui de trecho do *Programa e plataforma de treze pontos do Partido dos Jovens Senhores*: “A doutrina do machismo tem sido utilizada pelos homens para *descontar suas frustrações* nas esposas, irmãs, mães e crianças. Os homens devem reconhecer que elas constituem mais da metade do exército revolucionário...” (LANDI & MANOEL, 2020, p. 239, grifos nossos).

⁴¹ Importante ressaltar que isso ocasiona o aumento de uma jornada de trabalho não paga marcadamente destinada ao gênero feminino.

⁴² A situação se agrava ao agregarmos a reflexão de Mark Fisher (2009) sobre o trabalho *just-in-time*: “Enquanto produção e distribuição são reestruturadas, também são os sistemas nervosos. Para funcionar efetivamente enquanto um componente da produção *just-in-time* você deve desenvolver uma capacidade de resposta a eventos imprevistos, deve aprender a viver em condições de total instabilidade ou ‘precariedade’ como diz o feio neologismo.” (p. 34). Do original: “As production and distribution are restructures, so are nervous systems. To function effectively as a component of just-in-time production you, must develop a capacity to respond to

acumula de tal regime⁴³ estourará num lugar onde isso seja permitido, a *vida privada*⁴⁴, e que esta, portanto se apresenta como um fundamento necessário da vida na sociedade do Capital.

... A INVENÇÃO DA PRIVAÇÃO DE VIDA

Chegamos a um ponto de sustentação a nossa argumentação, e para tanto, é necessário explicitar que não trabalharemos a família em seu desenvolvimento histórico até o presente, mas compreenderemos ela em seu caráter necessário para a acumulação capitalista de hoje. Este trabalho não se propõe a mais do que isso e tampouco poderia tendo em vista que o autor toma parte numa longa tradição epistemológica de pessoas que não falam sobre aquilo que não estudaram em profundidade. Dito isto, vamos ao que interessa.

Partimos da ideia de que, quando tratamos da família como existe hoje, passamos a transitar numa dimensão necessária não para o desenvolvimento subjetivo, senão para o *assujeitamento*. Ao trabalhar o sujeito, a psicologia teve o devido cuidado de não colocar em cheque a formação social que tinha na constituição específica desse sujeito um caráter de necessidade, são em cima de exceções do campo que começaremos a trabalhar.

Wilhelm Reich (1932) delimitará em seu *A Irrupção da Moral Sexual Repressiva* a família como a *mais importante oficina ideológica do capitalismo* (p. 168). Ele chegará em tal conclusão a partir de seus estudos comparativos da realidade analisada pelo antropólogo Malinowski nas ilhas Trobriand, considerando desde a formação do complexo de Édipo até a realidade concreta familiar com que tivera contato em sua prática. Já dissemos que o ser humano em nossa sociedade é criado num ambiente privado e que este serve como operador da reprodução da força de trabalho.

O estado social em que vivemos nos impõe uma necessidade produtiva frenética, vivemos alimentando uma besta que é criativa no desperdício, caprichosa em seus imperativos e que não reluta em usar quaisquer meios necessários para se manter viva: o Capital. Já diria o professor José Paulo Netto, o Capital é uma esfinge que nos diz: decifra-me ou te devoro. Pois o devorar, veremos, não diz respeito apenas ao abocanhar de um mitológico felino, mas um corroer visceral que nos toma enquanto seres vivos em processo de assassinato.

Reich (1998) caracteriza o desenvolvimento da civilização patriarcal como andando de mãos dadas com “a crescente fragmentação e repressão da genitalidade⁴⁵” (p. 168), esta

unforeseen events, you must learn to live in conditions of total instability, or ‘precarity’ as the ugly neologismo has it.”

⁴³ E aqui enfatizamos o caráter histórico desta forma de trabalho uma vez que a produção consciente e prazerosa, ao nosso ver, ainda é possível em outras bases sociais.

⁴⁴ É notória a denúncia de Marx (2006), em *Sobre o Suicídio*, seu trabalho mais dedicado a vida privada, construído a partir daquilo que ele chamava de crítica francesa das condições sociais: esta, segundo ele, era constituída por críticas das relações de propriedade, das relações familiares, e das demais relações privadas (p. 21-2), a crítica socialista utópica em suma. Reafirmamos que o trabalho de Marx em analisar tais críticas a partir do materialismo, se levado às últimas consequências nestas três modalidades relacionais pode levar a uma compreensão crítica da subjetividade capitalista.

⁴⁵ A genitalidade deve ser entendida como o estágio final do desenvolvimento humano onde este tem liberdade para produzir e criar sem fixações libidinais em outros estágios, como a oralidade,

gerando aquilo que ele chama de angústia de estase, inibição da expansão do ser vivo (*Idem*, 1989, p. 294), que é quando sentimos a nossa libido que não pode ser liberada: a diferença para Reich de angústia e libido é uma questão de pulsação, ele identifica que todo ser vivo possui um ciclo produtivo de expansão (quando sua libido vai do centro para a periferia do corpo, se apresentando qualitativamente diferente, enquanto sexualidade) e contração (que é o processo inverso, sentido como angústia, especialmente na caixa torácica)⁴⁶.

A angústia cumpre um papel biológico relevante uma vez que impulsiona o ser vivo para a ação, a tensão em si é parte corriqueira de seu funcionamento... O problema está em quando esta descarga não pode acontecer. A análise que o psiquiatra traz se faz pertinente para pensarmos nessa tensão:

Quanto mais esse processo avança [de desenvolvimento da civilização patriarcal] mais remotas se tornam as causas da verdadeira angústia. Contudo, no nível social, os verdadeiros riscos para a vida do indivíduo aumentaram. Guerras imperialistas e a luta de classes sobrepujam os perigos dos tempos primitivos. Não se pode negar que a civilização criou a vantagem da segurança em situações individuais. Mas esse benefício também tem suas desvantagens. Para evitar a angústia real, o homem teve de reprimir suas pulsões. [...] A estase da libido se amplia e, com ela, a angústia de estase, na mesma proporção em que se evita a angústia real. [...] Os animais estão mais expostos às condições de angústia real por causa de sua organização social diferente. (*Idem*, 1998, p. 168)

Ou seja, vivemos em uma sociedade onde nossa real angústia surge não da natureza e seus perigos, mas da própria organização social que depende das guerras imperialistas e que se divide em classes, e que, portanto, esta angústia não encontra um escoamento concreto. A sustentação desse estado no ser humano o leva a uma condição chamada *simpaticotonia* que se caracteriza pela “atitude inspiratória crônica do tórax (inalação) e a restrição da plena (parassimpática) exalação” (*Idem*, 1989, p. 305). Esta inibição tem por função reduzir a produção de energia no organismo e, assim, sua produção e sentimento de angústia (*Ibidem*, p. 263). Esta contração desregula o funcionamento do ser vivo na liberação de seus impulsos pertencentes ao Sistema Nervoso Simpático⁴⁷ (daí o nome simpaticotonia, ou tônus do simpático) e nesta não liberação o sujeito se torna, como diz a expressão “uma pilha de nervos”, nervos estes que imploram por uma descarga qualquer que alivie a carga que o ser humano carrega e o Capital é criativo em se utilizar dessa prontidão para se reproduzir. As diversas formas de trabalho intermitente talvez sejam o exemplo mais claro disso.

Retornamos a realidade do seio familiar, a *vida privada*, é lá que este sujeito disfuncional tem um espaço socialmente aceito para descarregar sua angústia, o que colide com sua responsabilidade frente a este outro ente da espécie humana que necessita de carinho,

que lhe interditem certos caminhos ou reprimam seus desejos. Este conceito ficará mais claro quando trabalharmos a ideia de caráter no capítulo seguinte.

⁴⁶ Sobre isto “o processo expansivo do prazer biológico, é o processo vital produtivo *per se*” (REICH, 1989, p. 16). Ver também p. 228-9.

⁴⁷ O Sistema Nervoso Simpático é comumente conhecido como mecanismo de luta e fuga, pois garante a prontidão necessária ao ser vivo ameaçado. Ao considerar o não reconhecimento do inimigo nessa luta, o ser humano apela para lutas às cegas e fugas, não à toa que a sociedade do Capital é tão fecunda a gerar meios completamente ineficazes, mas igualmente atraentes de fuga.

cuidados especiais, empatia, coisas sem as quais o processo de filogênese da espécie humana não poderia se dar como se deu. Todas essas demandas requerem uma coisa chamada *potência orgástica* para serem atendidas integralmente. Esta é definida como a capacidade de “abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões” (*Ibidem*, p. 92)⁴⁸. Este conceito é importante ao considerarmos que esta potência devém da capacidade do sujeito de confiar no próprio corpo, em seus sentimentos e se entregar a eles, e é somente dela que pode nascer a empatia. Sabemos, contudo, que isso caminha na contramão daquilo que o Capital pode conceber uma vez que suas necessidades são cada vez mais mecanizadas⁴⁹. O resultado disso é que, nos cuidados com o novo elo da espécie agimos de maneira mecânica e dessa forma:

as necessidade *emocionais* do bebê não são satisfeitas [...]. O bebê tem apenas *uma* forma de comunicar suas necessidades, a saber *chorando*. Esta única forma cobre um sem número de necessidades. (REICH, 2009, p 393)⁵⁰

Os mecanismos de empatia aqui são extremamente pertinentes, o sujeito que ainda não foi iniciado no mundo das palavras depende puramente da empatia entre os seus para ser compreendido, e nessa busca pelo diálogo com seus semelhantes surge um solilóquio cada vez mais desesperado. Sejam diretos: estamos falando de um mecanismo traumático *necessário* da sociedade do Capital a partir de seu caráter exploratório que desorganiza a vida nos indivíduos da nossa espécie, os “pais reprimem a sexualidade das crianças pequenas e dos adolescentes, sem saber que o fazem obedecendo às injunções de uma sociedade mecanizada e autoritária” (*Idem*, 1989, p. 172).

Seja pelo caráter mecânico de suas ações seja por uma violenta reação de um ente ou outro do núcleo familiar aquele sujeito não tem nenhuma garantia de que encontrará no meio externo o reconhecimento que lhe é necessário. A tendência na verdade é que encontre a violência e a submissão a desejos de um outro, parafraseando Bertold Brecht:

*Há muitas maneiras de abusar de uma criança. Podem negligenciá-la até que silencie atônita, podem repreendê-la pela não obediência, podem chantageá-la emocionalmente, podem seduzi-la para que seja educada com pessoas estranhas e podem tocá-la impulsionados por lascívia. Apenas esta última é um crime em nossa sociedade.*⁵¹

A criança tende a não ser reconhecida em sua realidade emocional, em seus desejos, e ela passa, por uma questão de sobrevivência, a ter de adivinhar e cumprir com as exigências libidinais dos adultos. Num ensaio para a sociedade do Capital, surge a troca da força de

⁴⁸ Excitações no sentido mais abrangente, como estímulos que nos levam a alguma ação.

⁴⁹ Reich chamará esse regime de autoritário e ditatorial que procurar destruir “a decência espontânea e as energias vitais.” (*Ibidem*, p. 18)

⁵⁰ Este texto, *A Biopatia do Câncer*, mesmo que de um Reich já cansado de deblaterar com um marxismo que não podia aceitar suas concepções sobre a sexualidade e a vida, traz conclusões importantíssimas sobre a forma como nossa organização social intervém diretamente em nossa saúde.

⁵¹ No consultado: “Há muitas maneiras de matar. Podem enfiar-te uma faca na barriga, arrancar-te o pão, não te curar de uma enfermidade, meter-te numa casa sem condições, torturar-te até a morte por meio de um trabalho, levar-te para a guerra, etc. Somente poucas destas coisas estão proibidas na nossa cidade”.

trabalho por aquilo que lhe garante a subsistência, a cisão que possibilita que a força de trabalho daquele ser vivo produza valores de troca e não de uso: pelo não reconhecimento, o sujeito reprime suas próprias necessidades e se desorganiza em sua libido, um cenário perfeito para a instalação de alguma ordem simbólica que possa reger sua vida e na qual possa se agarrar para sobreviver⁵². A condição para a autonomia é quebrada e os afetos da lei íntima que deveriam reger a vida humana agora tentam se encontrar sob as injunções autoritárias externas a si. Resignação e repressão se enlaçam enquanto processos que mantêm a sociedade de pé, e o ser humano em seu caráter de passividade no esteio mais profundo. A partir de agora, a estrutura humana será marcada por um profundo medo da vida e da própria espontaneidade buscando desesperadamente uma forma hermética e gessada de se reproduzir.

A naturalização das relações começa, portanto, a partir do momento em que o questionamento de uma dada ordem simbólica reativa os traumas mais profundos de nossa socialização familiar: tudo aquilo que nos remeta ao não reconhecimento de nossos desejos nos fará sentir a angústia de estase, inclusive, desejar: está lançada a estrutura emocional para a naturalização da realidade histórica onde a maioria é explorada, a “ideologia de cada formação social não tem por única função reflectir [sic] o processo económico dessa sociedade, mas também a de a enraizar nas estruturas psíquicas dos homens de cada sociedade” (REICH, 1974, p. 7).

O FETICHISMO DE MERCADORIA, A RELIGIÃO E A IDEOLOGIA

O esforço no qual envidaremos agora é para que possamos juntar as pontas da obra marxiana no que concerne a este elemento “fantasmagórico” que hora apresenta-se na obra de Marx por meio da *religião* no início de sua vida teórica, e atravessa sua existência ganhando novas facetas. A ideia que tentarei construir aqui é a de que *fetichismo de mercadoria*, *religião*, e *ideologia*, se apresentam na obra de Marx como formas de se relacionar dentro da sociedade do Capital, necessárias a subsistência frágil deste⁵³.

Vimos no primeiro capítulo, a realidade que Marx apresenta a partir do panorama social e espiritual da Alemanha da década de 40 do século XIX. Não nos custa retomar, falamos aqui da concepção do mundo que nega ao ser humano a possibilidade de sua prática frente a elementos como o Estado e a sociedade, abrindo precedente para a autonomização das coisas criadas frente a seus criadores. Retomamos aqui a frase de *A Ideologia Alemã* supracitada: “[p]ouco a pouco, toda relação dominante foi declarada como uma relação religiosa, e transformada em culto, culto ao direito, culto ao Estado etc” (ENGELS & MARX, 2007, p. 84). Inviolável, infalível, insubstituível, ou como diria 14 décadas no futuro Margareth Thatcher, *não há alternativa*⁵⁴.

⁵²“...ou este corpo é objeto do gozo de um outro, ou só então poderemos, efetivamente, falar de um sujeito.” (WEINMANN, 2003, p. 70).

⁵³ A associação entre tais conceitos (ainda que *religião* não seja nominalmente citado) é trabalhada de forma extremamente fecunda por Leandro Konder (2020), ainda que superficialmente, por opção do próprio autor, no trecho que dedica exclusivamente a Marx em seu *A Questão da Ideologia* (p. 37-58).

⁵⁴ Retomemos Marx, partindo antes da ignorância do que do mal-caratismo da primeira-ministra: “ilusão dessa classe [dominante] sobre si mesma” (ENGELS & MARX, p. 48).

Estes manuscritos, que apenas recentemente foram completados e publicados do que engavetados, ainda trariam contribuições avançadas em relação à caracterização da dominação como sendo dominação de classe:

A classe que tem à sua disposição os meios de produção material da sociedade dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. (*Ibidem*, p. 47)

Não se trata aqui somente de mídia de massas, tampouco de insumos a intelectuais conservadores ou semelhantes... Está claro para nós que tais pontos são imprescindíveis para a divulgação do pensamento liberal-burguês, e a isto historicamente Partidos Comunistas e Movimentos Populares tem contraposto editoras próprias, por vezes (cremos aqui, a esmagadora maioria dos casos) servindo mais ao país em termos de instrução do que gabinetes ou ministérios dedicados à educação pública, mas o que queremos colocar aqui é a dimensão relacional. É verdade que, à época, o uso de “espiritual” era um substituto a “intelectual”, mas não podemos nos furtar a conceber que a palavra espiritual diz respeito a uma totalidade coesa (ou ao menos integrada) que age enquanto tal. Sejam claros, a dominação aqui também é da forma como o sujeito se relaciona com o mundo⁵⁵.

Aqui chegamos a outro ponto de *A Ideologia Alemã* que nos será pertinente para enlaçarmos as pontas do sujeito revolucionário parido nesta sociedade que lhe reserva o destino de pária: a família. Aqui se fará uma das primeiras menções a família já em seu caráter histórico de primeira forma social de divisão de trabalho e propriedade:

A escravidão na família, ainda latente e rústica, é a primeira propriedade, que aqui, diga-se de passagem, corresponde já à definição dos economistas modernos, segundo a qual a propriedade é o poder de dispor da força de trabalho alheia. (*Ibidem*, p. 36-37)

Este caráter da família, defendemos, se manterá até os dias atuais se aprofundando conforme a redução do número de pessoas pertencentes ao núcleo familiar e o avanço da exploração do tempo livre da força de trabalho como forma de expansão da apropriação de valor⁵⁶. Ao processo que dá condições materiais de abolir tal estado de coisa, Marx e Engels darão o nome singelo, mas absoluto de *revolução*, que, nas suas palavras:

é necessária não apenas porque a classe dominante não pode ser derrubada de nenhuma outra forma, mas também porque somente com uma revolução a classe que derruba detém o poder de desembaraçar-se de toda a antiga imundície e de se tornar capaz de uma nova fundação da sociedade (*Ibidem*, p. 42).

⁵⁵ Claro está que, numa sociedade onde somente mediante a produção de valores de troca os trabalhos privados podem atuar como elos do trabalho total, o caráter de social do ser humano é utilizado para garantir que a alienação do trabalho seja condição da própria socialização, ainda que este trabalho *apareça* no produto, e não como qualidade do produtor. Algumas das reflexões deste capítulo não seriam possíveis sem as contribuições do curso de Fê Amaro, *Qualquer um pode entender o Capital*. A ela nossos agradecimentos pela possibilidade que o curso proporcionou a este estudo.

⁵⁶ Aqui faz-se necessário esclarecer, não falamos aqui de um problema da mecanização do trabalho, senão desta dentro das relações sociais vigentes.

“Reprovam-nos por querer abolir a exploração dos filhos por seus pais? Confessamos esse crime.”⁵⁷ (*Idem*, s/d, p. 47. Trabalhamos com a abolição da família? Inevitável abolir o Capital. Trabalhamos com o sepultamento do Capital, veremos que este se sustenta em cima das relações que se estruturam na família. É aqui que entra o *fetichismo de mercadoria*).

Na sociedade capitalista, há uma tendência totalizante da relação do Capital, ou seja, a apropriação de mais-valor a partir da detenção dos meios necessários para a produção e reprodução da vida humana. Só que a grande questão é que pra esta organização social se sustentar é necessário que seja considerada a *única* forma possível de produção destes meios⁵⁸, justamente por ser mais racional uma organização onde todos possuam condições de subsistências semelhantes a partir da vida em uma livre associação de produtores onde o produto social seja repartido. A produção já é socializada, apenas seu usufruto é apropriado por quem detém os meios de produção a partir da compra da força de trabalho alheia⁵⁹. Marx desdobrará que este modelo de organização da produção equalizará a força de trabalho em uma unidade abstrata que fará com que o trabalhador apareça ele mesmo como um produto:

Abstraindo do valor de uso dos corpos-mercadorias, resta nelas uma única propriedade: a de serem produtos do trabalho. Mas o mesmo produto do trabalho já se transformou em nossas mãos. Se abstraímos de seu valor de uso, abstraímos também dos componentes e formas corpóreas que fazem dele em valor de uso. [...] Todas as suas qualidades sensíveis [do produto] foram apagadas. [...] Com o caráter útil dos produtos do trabalho desaparece o caráter útil dos trabalhos nele representados e, portanto, também *as diferentes formas concretas desses trabalhos*, que não mais se distinguem uns dos outros, sendo todos reduzidos a trabalho humano igual, trabalho humano abstrato. (MARX, 2013b, p. 116, grifos nossos)

O que se efetiva socialmente na realização do produtor em suas relações é, portanto, a abstração da concretude de seu trabalho, ou seja a abstração de si mesmo da produção do mundo social, e aqui o percurso reata com as primeiras relações do ente novo da família. Em linha gerais: o sujeito em família encontra entes com quem ele não consegue trocar valores de uso, espontaneidade, a realidade de seus sentimentos, porque estes não estão acostumados senão a trocar valores de troca, trabalho abstrato, com base nas

⁵⁷ No consultado: “Nos reprocháis el querer abolir la explotación de los hijos por sus padres? Confesamos este crimen.”

⁵⁸ “Mas tão logo ela [a mesa] aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa sensível-suprassensível.” Este elemento suprassensível da forma mercadoria é a própria forma, ou seja, o fato de ela ser produzida enquanto um valor de troca que “reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre objetos, existente a margem dos produtores.” (MARX, 2013b, p. 146-7). A própria produção reproduz a relação e mantém a sustentação da organização produtiva.

⁵⁹ Vale retomar, o valor de troca da força de trabalho é diferente do valor do trabalho uma vez que o trabalhador recebe como salário aquilo que lhe garante um mínimo (cada vez menor) de subsistência para esta força se reproduzir, e a diferença entre o valor de troca da força de trabalho (ou seja, o salário) e o valor de troca gerado pelo trabalho empenhado no produto, depois vendido pelo dono dos meios de produção, é a base da apropriação em mais-valia (que, historicamente, na sociedade burguesa, se apresenta no processo de circulação como lucro).

injunções de um terceiro⁶⁰. A determinação social de seu trabalho é que se apague o aspecto subjetivo deste, sua autonomia e espontaneidade, em nome da submissão ao Capital. Trabalho com força de trabalho não conseguem dialogar... Voltamos ao solilóquio do bebê chorando.

O que Marx chama de fetichismo, portanto, nada mais é que a forma como os produtos da mão humana se apresentam no mundo das mercadorias, “que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadoria e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias” (*Ibidem*, p. 148). O fetichismo é a forma necessária⁶¹ como aparecem todos os produtos na sociedade do Capital, objetivações de relações e sua autonomização, ele é a única possibilidade de manter os seres humanos produzindo em condições tão sem sentido. Isto em sua face “subjetiva” se sustenta num medo que foi travado, na supracitada angústia real de Reich, que, quando ameaçada em seu silêncio, libera um pouco de angústia de estase⁶² para defender o seu sono e asfixiar este medo primitivo oriundo de necessidades vitais não atendidas. Esta é a sustentação do reflexo religioso que “só pode desaparecer quando as relações cotidianas da vida prática se apresentam diariamente como relações transparentes e racionais que eles estabelecem entre si e com a natureza.” (*Ibidem*, p. 154).

A FANTASIA, SUA PRÁXIS, E A REALIDADE

O que se aponta a partir de agora, é que o Capital depende de uma prática humana que assume a forma de uma *objetividade fantasmagórica* sem sentido para o sujeito que a pratica... Mas sobre a qual este pode ter os mais diversos pensamentos: desde fascista a marxólogo⁶³, o fundamental em nossa sociedade é que a mente não se oponha a prática necessária ao Capital, que a verdadeira terapia de choque pela qual o sujeito passa para se enquadrar às determinações sociais demandadas pelo ciclo de acumulação não seja questionada em seus efeitos concretos, em seus sintomas praxiológicos. Como colocou Slavoj Zizek:

o que realmente importa não é o conteúdo [da ideologia] afirmado como tal, mas *o modo como esse conteúdo se relaciona com a postura subjetiva envolvida em seu próprio processo de enunciação*. Estamos dentro do espaço ideológico propriamente dito no momento em que esse conteúdo – “verdadeiro” ou “falso” (se verdadeiro, tanto melhor para o efeito ideológico) – é funcional com respeito a alguma relação de dominação social (“poder”, “exploração”) de maneira intrinsecamente não transparente: *para ser eficaz, a lógica de legitimação da relação de dominação tem que permanecer oculta*. (ZIZEK, 1996, p. 13-4, grifos do autor)

⁶⁰ Esta abstração respeita uma valoração social, todo tipo de ideação sobre as relações familiares só pode ser mais interessante do que a relação concreta se o ser humano nega-se a si mesmo em seu processo de “trabalho” familiar. O pai que não aceita a filha trans, a mãe que não entende a não monogamia da filha, o pai que tem um filho que torce pra outro time... enfim, o terreno de valorização das normas sociais é dado pela anulação da espontaneidade das relações.

⁶¹ Aqui é importante dizer, não se trata de uma formação mecânica, esta fórmula não é perfeita, de outro modo, a própria possibilidade de sua superação nos estaria vedada.

⁶² Ver p. 23.

⁶³ Adentraremos nas possibilidades de adequação do sujeito à sociedade do Capital nos próximos capítulos.

A questão aqui é sobre como nos relacionamos com nossas verdades e se deixamos que elas estruturam a realidade a partir de nossa prática concreta, se o terreno da produção social, o parque cercado da burguesia, será tomado novamente de uma liberdade relativa à dominação capitalista e de uma sociabilidade para além da forma mercadoria. Não é por acaso que o único terreno onde proliferava “legalmente” o marxismo durante as épocas de ditadura no Brasil, de Vargas (1930-1945) ou a empresarial-militar (1964-1985), fosse a Universidade onde pode proliferar enquanto um intelectualismo deslocado da realidade, e esta estrutura de cerceamento foi tão eficaz que o ressurgimento de um marxismo brasileiro, e aqui falamos de marxismo como uma práxis capaz de transformar a realidade, foi extremamente criticado pelos esterilizados que foram adestrados a duras penas pelos critérios do MEC e das revistas A1. Hoje em dia, com o desenvolvimento das formas de consumo, podemos ter aberrações como pessoas com estantes cheias de livros de formação teórica marxista e lhes faltar um mínimo de contato com a realidade de seu povo⁶⁴, é curiosa a inversão que damos a uma das máximas de Lenin, mas nem por isso menos válida: sem movimento revolucionário, não há teoria revolucionária⁶⁵.

O fundamento, portanto, da própria realidade material, é a prática sustentada pela não violação de uma relação de dominação, seu não questionamento real: ela se torna natural, universal, sempre presente, inexpugnável e invisível. A atomização do processo produtivo encontra aqui seu caráter de necessidade: é interdito ao sujeito a totalização do processo produtivo, a compreensão das relações presentes e sua transitoriedade, sem reconhecer inclusive os próprios sentimentos concernentes a este processo. São estes sentimentos que entram em jogo no processo de conscientização⁶⁶.

Imaginação assim como fantasia são necessárias para compor a verdade do sujeito, mas apenas na sociedade do Capital elas são uma sustentação necessária à verdade social. Portanto, aqui, trata-se de liberar os caminhos para o reconhecimento da própria realidade e o autorreconhecimento da classe trabalhadora, sendo os entraves a este reconhecimento sustentados sobre traumas que estruturam o sujeito mesmo como um ser estranho ao próprio trabalho. Este processo não é mecânico nem automático, é um contínuo, e aqui é necessário compreender que mesmo em organizações de esquerda, se incapazes de acolher o sujeito nas suas determinações sociais, podem não surgir sujeitos revolucionários, muito em função da própria determinação social da produção dentro da organização: não podemos evitar os afetos, sob pena de não constituirmo-nos enquanto

⁶⁴ “Os homens vindos das cidades entram para a escola do povo e ao mesmo tempo iniciam, em proveito do povo, cursos de formação política e militar”, (FANON, 1968, p. 105). É interessante que para Fanon este processo de formação se acelera quando as massas retomam contato com “a própria intimidade de seus músculos”. As frequentes referências de Fanon sobre a psicossomática do processo de um sujeito revolucionário escondem por detrás da tinta, não apenas um revolucionário apaixonado, mas um médico psiquiatra formado com destaque.

⁶⁵ Do original: “Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário” (LENIN, 2015, p. 71).

⁶⁶ Evidente que a totalização plena é impossível nos marcos da sociedade atual, falamos aqui de um *intenção*: “Enquanto na consciência de classe da burguesia até mesmo as constatações corretas de fatos particulares ou de aspectos do desenvolvimento revelavam, por sua relação com a totalidade da sociedade, os limites da consciência e se desmascaravam como “falsa” consciência, na “falsa” consciência do proletariado e nos seus erros reais, há uma *intenção orientada para o verdadeiro*”. (LUKÁCS, 2012, p. 178, grifos nossos).

agentes da revolução, que, quer queira, quer não, se apresenta como um processo de vida ou morte sempre quando da derrocada de um modo de produção social⁶⁷.

No processo de uma luta como a nossa, de revolução social, se faz necessária a destruição do modo de reprodução da vida dentro da sociedade atual, e isso engloba destruir⁶⁸ em nos mesmos nossas determinações sociais que entravam a construção coletiva de uma alternativa. O ser humano é um ser social, em sua realidade histórica ele se depara com uma sociedade que lhe é hostil, que lhe isola e não lhe acolhe em seus sentimentos⁶⁹: este é um dever histórico do Partido Comunista, constituindo a partir de si um ambiente de responsabilidade coletiva, de unidade de ação, mas também (e justamente por causa desta), de acolhimento da diversidade de ideias e afetos⁷⁰. As novas relações de camaradagem são um processo de constante construção, pois são longos os passos para que se envolva um indivíduo numa construção coletiva, não se apegando mais a suas próprias ideias, mas às de uma organização, uma vez que ele toma parte na construção das ideias desta. A camaradagem não é a abstração do sujeito individual, pois é apenas o sujeito retomado em sua origem coletiva que por fim retoma ao sujeito individual seu direito aos próprios afetos. É apenas na confiança do reconhecimento coletivo que se é possível pensar em uma individualidade espontânea e efetivamente livre.

Isto será aprofundado nos últimos capítulos, por hora, vimos como se realiza a desorganização de um sujeito, agora, é necessário que entendamos como ele se reorganiza a partir das determinações do capital, como o “mundo total da experiência passada incorpora-se ao presente sob a forma de atitudes de caráter”, sendo este “a soma total funcional de todas as experiências passadas” (REICH, 1998, p. 128). Se Marx não podia chegar onde chegou Reich por questão de suas respectivas épocas, faremos como o segundo e integraremos agora as condições de vida sexual ao edifício do materialismo histórico (*Idem*, 1974, p. 20).

⁶⁷ “Um verdadeiro revolucionário sabe que, se ele é sincero, a morte é eminente.” H. Newton, *O manejo correto de uma revolução* em *Raça, classe e revolução* (LANDI & MANOEL, 2020, p. 96).

⁶⁸ Aqui não se trata de um processo repressivo consciente de autocensura, senão de reconhecimento dos próprios sentimentos e aprofundamento na própria dinâmica afetiva.

⁶⁹ E assim, justamente pelo caráter social do ser, nega estes sentimentos.

⁷⁰ Merece ênfase este processo por possibilitar ao sujeito o tempo para se questionar individualmente, mas sem atrapalhar a construção coletiva. O sujeito quando é obrigado a se deparar com a frustração de seus afetos, quando coloca uma crítica que não é reconhecida como necessária, percebe na coletividade, que o acolhe quando de uma crítica justa, os próprios entraves de sua subjetividade individual. O Partido de certa forma se torna um aparelho de escuta coletivo, portanto, mais capaz de superar as determinações sociais por serem também fundadas em uma diversidade de indivíduos. Da mesma forma como esta escuta reflete para os indivíduos. Vejo que algo não diz respeito ao coletivo, mas sinto vontade de dizê-lo? Por quê? Eis que abrem-se as portas para processos terapêuticos. Tudo, é claro, deve ser medido com sua colher de chá, elementos individuais às vezes podem se propagar coletivamente causando desvios liberais, e aí, como em outros momentos, é necessária uma luta interna.

NOS CAMINHOS DE REICH, CARÁTER E CONSCIÊNCIA

“Um ser vivo é normal em determinado meio na medida em que ele é a solução morfológica e funcional encontrada pela vida para responder a todas as exigências do meio” (CANGUILHEM, 2009, p. 102)

Esta frase de Canguilhem nos coloca frente ao dilema do caráter de forma interessante. Reich define o caráter como uma couraça que protege nosso inconsciente de estímulos do mundo externo e que protege nossa ego de estímulos internos. Além disso caráter é aquilo que se estrutura enquanto um modo de reação típico de uma personalidade encouraçada, no entanto, encontra um problema:

O homem civilizado tem meios abundantes de se proteger contra os verdadeiros perigos do mundo - as instituições sociais em todas suas formas. Além do mais, sendo um organismo altamente desenvolvido, tem um aparelho muscular que lhe permite fugir ou combater e um intelecto que lhe permite prever e evitar perigos. (REICH, 1998, p. 167)

Esta abstração da realidade nos coloca concretamente frente a uma concretude histórica: vencemos a luta pela sobrevivência enquanto espécie, seja na constituição de nossas instituições sociais, seja no próprio desenvolvimento do corpo humano com o passar da evolução de nossa espécie, portanto, por que precisamos proteger agora nosso inconsciente? Ficamos entediados com a vida de paz e contemplação que esta conjectura social nos indica? Não.

Retorno a Canguilhem (2009), o que nos possibilitaria a evasão dos perigos não é tanto a forma de instituições sociais ou de condições físicas que adquirimos ao longo do tempo quanto a técnica humana que “prolonga os impulso vitais a serviço dos quais tenta colocar um conhecimento sistemático que [n]os livraria das tentativas e erros da vida, que são inúmeros e, muitas vezes, saem caro” (p. 102). Alcançamos instituições e condições físicas o suficiente para que nos protegêssemos? Sim. Mas não socializamos a técnica nem o poder, o que nos leva por fim a não socializar nossa possibilidade histórica de vida, o patrimônio humano de anos de evolução. Hoje nossas instituições burguesas nos protegem para melhor nos controlar enquanto classe, e, salvo o caso de exércitos populares e de libertação, os organismos humanos mais desenvolvidos estão ou submissos nos quartéis, ou valendo-se como um fim em si mesmos nas academias, tirando fotos. Sendo objetivos: hoje o desenvolvimento corporal do ser humano se encontra desvinculado da práxis⁷¹.

Vejamos, o caráter não é uma invenção do capitalismo, não surgiu com este e tampouco morrerá em absoluto com ele: o caráter é nossa forma de ser e de estar no mundo, podendo ser mais ou menos estruturada e interdita por traumas que conduzem a certas reações para proteger-nos do meio externo..., mas, isso só acontece, hoje, porque em dado momento o sujeito entrou em conflito com o meio externo, já não mais natural, senão social, e a ele se mostrou como uma ameaça. Quando voltamos a Canguilhem ao considerar a técnica como expressão da vida vemos que a vida em si no seu

⁷¹ Dito isso, é natural observar como o movimento comunista observa a disciplina corporal como um dos fundamentos na constituição do sujeito revolucionário, a impossibilidade desse sujeito pode nascer dessa incoerência entre desejo e meios para realiza-lo. Para ficarmos em um exemplo nacional, a fala de Carlos Marighella na Rádio Libertadora faz menção explícita não apenas ao desenvolvimento muscular como a diversas outras aptidões físicas.

desenvolvimento é uma ameaça a esse meio. Nossa técnica, hoje, permitiria, por exemplo, que cada criança fosse criada com acesso a comida, educação, esportes e cuidados socializados que possibilitassem sua livre expressão, porém, sabemos não ser este o caso.

O RASTRO DE PÓLVORA ANTES DA EXPLOSÃO

Vimos no capítulo anterior o universo afetivo de uma criança dentro do capitalismo e sua estruturação necessária enquanto um sujeito quebrado emocionalmente: a importância do caráter reside aí, é a argamassa (REICH, 1998, p. 167) que trata de reconstruir este sujeito a partir de sua quebra, construindo sua realidade e sua operação social com elementos que ajudem a sustentar sua existência na sociedade que o quebrou, e, por conseguinte, a sustentar esta sociedade mesma.⁷² Os primeiros degraus destas operações, reiteramos, são naturalizações de certas formas de se relacionar com o mundo como sendo as únicas possíveis: nada existe para além da submissão em troca da sobrevivência.

Evidente que aqui não se trata de uma relação mecânica ou uma interdição inexpugnável, senão de uma que deixa diversas pontas soltas e que, em certas situações suscitam lembranças que por suas vezes se tornam novos focos de possíveis traumas. Sintomas novos aparecem para que o sujeito possa retomar sua funcionalidade e assim caminha a humanidade, com a ligeira exceção de quando o rastilho de pólvora do nosso inconsciente tem o azar de encontrar um incêndio: eis que surgem janelas onde a ansiedade pode se tornar insustentável: o que se organizou pode se desorganizar como um exército que deixa a cidade-quartel vazia e vai pra mata caçar os guerrilheiros. Estes são momentos que envolvem a mobilização emocional e este é o ponto fundamental de uma possível ruptura. Retomemos: vimos como necessário ao Capital uma negligência à expressão de sentimentos a ele nocivos, como por exemplo, a ameaçadora figura de uma criança que chora querendo mamar. Estas negligências geram sintomas que, por sua vez, se questionados, podem gerar nova angústia e assim os caminhos vão se restringindo reelaborando a angústia em hostilidade àquilo que angustia⁷³. Existem, portanto dois polos em luta, uma tendência à angústia e ao medo daquilo que possa dispará-la, paralisando o sujeito, e, aquilo que Reich chamava de desenvolvimento da *potência orgástica*, que é basicamente, a capacidade de se abandonar livremente as excitações internas ou externas encabeçada pela tentativa da libido se expressar (REICH, 1998, p. 92). A chave da revolução, por conseguinte, passa necessariamente pelos sentimentos do sujeito revolucionário, não meramente pela teoria. Se a Revolução é um ato de amor, dizemos como Sérgio Sampaio: amor não é pros livros, se faz⁷⁴.

LUTA INTERNA E TÉCNICA TERAPÊUTICA

⁷² “A ideologia de cada formação social não tem por única função reflectir o processo económico dessa sociedade, mas também a de a enraizar nas estruturas psíquicas dos homens de cada sociedade.” (REICH, 1974, p. 21)

⁷³ “[O] impulso caótico permanece trancado no interior do corpo, onde excita exageradamente os órgãos e reproduz sensações que são percebidas como estranhas e ameaçadoras.”, (LOWEN, 1979, p. 91)

⁷⁴ Letra de *Quem é do Amor*. Aqui, faz-se necessário dizer, não se trata da negação do papel da teoria no desabrochar do movimento revolucionário, mas sim de que esse desabrochar deve estar enraizado no solo firme das emoções que possibilitam o movimento.

Compreendemos agora, que o conflito anterior de proteção do ser humano frente à natureza que lhe era hostil, nos dias atuais, se privatiza no confronto entre a sociedade e o próprio ser humano naquilo que lhe é natural⁷⁵. Os reflexos disso vemos nas defesas enfáticas da “civilização” como as de Sigmund Freud, muito baseadas na sua ruptura com Reich. Este é um dos pontos de técnica que imobiliza o potencial da psicanálise: ao se recusar ao acolhimento emocional do ser humano em sua totalidade, em nome da civilização, naturaliza este conflito e instaura no ser humano um estado de autocontrole neurótico. O descontrole foi tamanho que a formulação de Freud sobre a *pulsão de morte*⁷⁶ foi incorporada com mais entusiasmo por seus seguidores do que por ele, que, a princípio a enxergava como uma hipótese de trabalho. Nesse mesmo movimento, Reich, eterno crítico das concepções de cultura e civilização de Freud é expurgado da Associação Internacional Psicanalítica. Isto são sintomas de uma luta que também se faz interna, e que não pode ser plenamente acolhida apenas por meio da fala, que redundava no erro técnico da exclusividade da associação livre⁷⁷.

Reich (1998) escreve seu *Análise de Caráter* já pensando no erro técnico em que haviam chegado diversos analistas, dizia: “[s]em a liberação da excitação, o paciente recorda, mas não sente as excitações, que geralmente estão muito bem escondidas” (p. 317). Seu discípulo, Alexander Lowen (1977) colocará que, quando uma expressão se torna parte das feições de um sujeito, ele perde a consciência da mesma (p. 107), e a expressão é um processo total do sujeito, não apenas verbal: expressão, diz respeito a uma prática.

A consciência emerge envolta em sofrimento, expressando angústia que pode tornar-se ódio, culpa, uma perda de contato com o mundo, uma somatização... O substitutivo ou será o sintoma, ou uma reelaboração. A luta é violenta, falamos dos sentimentos mais primitivos do sujeito que escala a árvore da vida com imensa dificuldade em nossa sociedade, e, portanto, a repressão deve ser firme para garantir a solidez. Não está no espectro deste trabalho debater os resultados disso na vida à longo prazo do sujeito, mas algumas das condições estudadas por Reich se encontram no Capítulo 7 de seu *A função do orgasmo*, basta dizer que o autor trata a peste emocional, uma das facetas totais possíveis da personalidade capitalista⁷⁸ como sendo muletas com as quais “atravessa a vida” o ser humano quando “as expressões autorreguladoras naturais da vida são suprimidas (REICH, 1998, p. 461).

Vivemos trancados em nós mesmos suportando a luta concreta da sociedade, com um ventríloquo do avesso, somos controlados pelas formas de nos relacionarmos de nosso

⁷⁵ Aqui não guardamos quaisquer pretensões de elaborar sobre algo como a natureza humana, apenas afirmamos objetivamente que é natural do bebê buscar comida, por exemplo, e se torna inviável a um sujeito no capitalismo responder a isso da forma adequada.

⁷⁶ A pulsão de morte seria uma tendência constante do ser humano de descarga buscando um retorno a um estado primordial em nome daquilo que Freud chamou, *princípio de Nirvana*, que buscaria a eterna constância do relaxamento. A pulsão de morte estaria em constante conflito com a pulsão de vida e se originaria no ser humano a partir de um masoquismo primário que depois se volta contra o mundo mesmo, gerando a agressividade brutal que Freud (2021e) testemunhara na Primeira Guerra Mundial, por exemplo. A hipótese geral desta pulsão se encontra em seu *Além do Princípio do Prazer* (p. 3-42).

⁷⁷ Método adotado por Freud na virada do século XIX para o XX onde pede ao paciente que lhe diga tudo que vier a cabeça.

⁷⁸ Ver próximo capítulo. É importante considerar em um país como nosso, também a descrição de Fanon (1968) dos quadros psicossomáticos que afetam o colonizado em trecho de *Os Condenados da Terra* (p. 251-2).

tempo porque não queremos nos responsabilizar por encontrar outras novas, essa é a dimensão subjetiva da sociabilidade capitalista e o caráter objetivo da necessidade da revolução social se torna claro quando olhamos a realidade: a vida não pode tolerar tal situação, tal quebra em seu ritmo natural de expansão e contração, é assim desde as formas mais primitivas de protozoários até os animais enormes que habitam as profundezas do mar. A vida não tende ao extermínio de si mesma em nenhum outro lugar da natureza, mas nossa época histórica é marcada pelo aumento dos suicídios e da medicalização em massa para o sustento dessa sociedade e sua forma de vida correspondente. Nenhuma consigna é tão verdadeira quanto a que diz que nascemos morrendo, mas o ser humano habita uma sociedade voltada exclusivamente para sua morte, tendo a negação da vida como um de seus pressupostos.

LINGUAGEM E EMPATIA, PONTOS CEGOS E A PSICOLOGIA MATERIALISTA

Este trabalho não se propõe a calcular a profundidade do poço que alcançamos, mas a propor alternativas onde possamos vislumbrar melhor porvir. Já fizemos menção, anteriormente, de como a empatia é fundamental no desenvolvimento subjetivo dum indivíduo de nossa espécie, no entanto, é necessário que compreendamos como ela é um fundamento evolutivo do ser social para que vislumbremos seu potencial de emancipação coletivo, para isso, recorramos aos fundadores do materialismo histórico, novamente:

Mostra-se, portanto, desde o princípio, uma conexão materialista dos homens entre si, conexão que depende das necessidades e do modo de produção e que é tão antiga quanto os próprios homens – uma conexão que assume sempre novas formas e que apresenta, assim, uma “história”, sem que precise existir qualquer absurdo político ou religioso que também mantenha os homens unidos.

[...] A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e que, portanto, também existe para mim mesmo; e a linguagem nasce, tal como a consciência, do carecimento, da necessidade de intercâmbio com outros homens.” (ENGELS & MARX, 2007, p. 34-5)

Veja quando Marx e Engels referem algo de tão antigo quanto o próprio homem, diz respeito a um caráter coletivo necessário para a reprodução da própria vida humana. Se é verdade que a produção organizada e direcionada tem seu advento com a humanidade, a reprodução é a premissa básica para a capacidade produtiva, explicamos: é necessário estar vivo para que se possa trabalhar, e a vida só foi possível, em primeiro lugar pela conexão e comunidade dos seres humanos e seus ancestrais. Os sujeitos necessitam sobreviver em bando, surge assim a necessidade de comunicação, de intercâmbio, e isto só é possível em um primeiro momento através da empatia que se desenvolve em linguagem⁷⁹, que por sua vez, sublinhemos, *é uma consciência real e prática*.

Como enfatizam os camaradas, de forma irônica, no entanto, existia e, ousamos dizer, existe, a compreensão de que são necessários absurdos políticos ou religiosos para que os homens se mantenham unidos: por que perdemos o real sentido da empatia

⁷⁹ Este movimento vale tanto para a espécie (filogênese) quanto para o indivíduo humano (ontogênese).

humana?⁸⁰ O desenvolvimento progressivo da espécie humana nos leva a resposta: surge a divisão do trabalho.

A divisão do trabalho só se torna realmente divisão a partir do momento em que surge uma divisão entre trabalho material e espiritual. A partir desse momento, a consciência pode realmente imaginar ser outra coisa diferente da consciência da práxis existente, representar algo realmente sem representar algo real – a partir de então, a consciência está em condições de emancipar-se do mundo e lançar-se à construção da teoria, da teologia, da filosofia, da moral etc. ‘puras’. (*Ibidem*, p. 35)

Vejam, o fundamento destas aspirações ascéticas, é a cisão da consciência da práxis a partir da divisão entre trabalho material e espiritual. Sejam claros: é no momento em que o trabalho do sujeito deixa de ter algum sentido para si que surge a necessidade de justificações outras que não o desejo do sujeito seja ele coletivo ou individual. Este caráter de sujeito cindido, num impulso totalizante, foi abocanhando a realidade humana até o momento em que sua consciência passa a *representar algo realmente*, sem, contudo, *representar algo real*. A cisão subjetiva com que nos defrontamos é o fundamento histórico de nosso modo de produção e reprodução da vida, e toda vez que um sujeito se propõe a encontrar uma solução para a cisão, ou ele *emancipa-se do mundo* em abstrações metafísicas... ou ele emancipa o mundo para que este possa acolhê-lo⁸¹.

A fragmentação social que se nos apresenta torna tais abstrações fundamentos da ordem social, não vemos sentido na sociedade em que vivemos justamente por não nos propormos a decidir como vamos viver e a empatia pouco terá a nos dizer sobre algo que não sentimos como necessário. A forma como nos organizamos nos impulsiona ao ódio recíproco a partir da repressão, mas esta mesma forma demanda organizações cada vez mais centralizadas e coletivas para manter e aumentar a concentração e expansão do Capital. A comunicação e a expressividade humana entram em cheque num mundo que necessita de algo como a disciplina para que sujeitos coletivos ou individuais se mantenham operantes.⁸²

⁸⁰ É interessante a ideia de Freud, em seu *Psicologia de Grupo...*, de “grupos artificiais” nesse sentido, quando “uma certa força externa é empregada para impedi-los de desagregar-se e para evitar alterações em sua estrutura” (FREUD, 2021e, p. 59).

⁸¹ Sobre esta cisão, poder-se-iam citar diferentes exemplos. Ficaremos com o de Alexandra Kollontai (2021) em seu escrito *Abram caminhos para o Eros alado*: “A ideologia feudal considerava, antes de tudo, o amor como um estimulante para fortalecer as qualidades necessárias a todo cavaleiro; o “amor espiritual”, a adoração do cavaleiro pela dama de seus pensamentos, serviam diretamente aos interesses da casta feudal”. Aqui temos a repressão de um instinto que gera um ideal ascético para o cavaleiro, algo por que lutar por um lado, e por outro cria uma frustração que torna o mesmo mais agressivo contra seus oponentes. Poderíamos citar a brutalidade em que se constituíam as relações entre os sexos na Idade Média, com damas idolatradas contrapostas a plebeias de aldeias, saqueadas e estupradas.

⁸² Quanto a isso, é interessante observar o medo com que tratam os comunistas quando estes falam de disciplina, sendo que o essencial da disciplina nada mais é do que retomar a capacidade de desenvolvimento de um trabalho coletivo ou individual. Na nossa sociedade esta se fundamenta em ideais abstratos e repressão. O Partido Comunista tem como uma de suas premissas, porém, o fim da divisão entre trabalho manual e espiritual, por conseguinte tendo na disciplina revolucionária a mediação para o fim da disciplina burguesa militarizada. O militante comunista tende a tornar a se reconhecer no que está fazendo, retomando o sentido da própria existência, a empatia e a expressividade para junto dos seus e a capacidade de se responsabilizar por suas vontades e principalmente por sua prática. É curioso que seja tratado com tamanho espanto a capacidade de unidade de ação que o Partido busca, como se não estivéssemos vivos

A IDEOLOGIA COMO SUBLIMAÇÃO NECESSÁRIA AO CAPITAL

Quando Freud passou a dar a devida atenção aos desenvolvimentos fantasiosos e os traumas que se apresentavam nos sujeitos que se deitavam a sua frente ele deu a psicanálise um horizonte que jamais lhe poderia ser subvertido tendo um mínimo de honestidade intelectual: o de considerar como fundamental a forma como o sujeito se relaciona com o mundo. Dentro desta densa mata o dilema da *práxis* se rearticulava a partir da dimensão prática do sujeito que expressa suas contradições inclusive frente ao próprio mundo. Freud não faria menção honrosa aos comunistas tampouco teria em Marx um dos balizadores de seus trabalhos⁸³, no entanto o pai da psicanálise não poderia escapar de seu próprio tempo e se a polêmica marxiana com a filosofia da religião já se fizera viva 13 anos antes de seu nascimento, isto não poderia ser tomado como um capricho da história, se não como a história mesma em suas sínteses criativas, e, faz-se necessário dizer, coletivas.

É pertinente, no entanto que avancemos retrocedendo. É de nossa opinião que uma das principais carências da construção teórica de Freud seja sua naturalização de certas formas de operar no mundo⁸⁴, neste ponto retornamos *À Ideologia Alemã*:

A classe que tem à sua disposição os meios de produção material da sociedade dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual (ENGELS & MARX, 2007, p. 47).

À primeira vista, temos uma impressão desta frase no sentido mais mecânico e raso possível: existem condições materiais da produção intelectual e isto se reflete na hegemonia do pensamento oriundo da burguesia por serem especialmente os filhos desta classe a terem acesso a esse tipo de produção. Tal noção é equivocada e isto se demonstra, num exemplo apenas para nos poupar tempo, pela figura de Stalin, o ex-estivador e dirigente da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Seu país foi capaz de derrotar o maior deslocamento de tropas já visto até hoje, executado pela Alemanha nazista na Operação Barbarossa.

Evoluímos em cima desta concepção a partir do conceito de luta teórica e hoje cremos num novo sentido para as palavras destes jovens que rabiscavam piratas ao redor de seus manuscritos: a ideia de uma dimensão relacional histórica e necessária atrelada a

justamente por saber operar enquanto coletivo. Imaginemos o quão autoritário deveria parecer para um neandertal quando seus companheiros pediam para que se aproximasse para que se aquecessem uns aos outros.

⁸³ É de se fazer menção, no entanto, a carta de Freud para Ralph Worrall de 10 de Setembro de 1937. Nela Freud admite que seus apontamentos sobre o marxismo não evidenciam um conhecimento pleno ou uma compreensão correta das obras de Marx e Engels e que já não via a negação da estrutura superegóica na teoria dos mesmos. “Isso desfaz o principal conflito que eu pensava existir entre o marxismo e a psicanálise” (FREUD *apud* KONDER, 1984, p. 113).

⁸⁴ A título de exemplo, ver sua posição acerca da Revolução Russa no Capítulo V de *Mal-estar na Civilização*, primeiro equiparando a visão dos comunistas a de Jean-jacques Rousseau sobre a propriedade estabelecendo uma polêmica sobre a abolição da agressividade humana, coisa evidentemente, fora do escopo de qualquer materialista, o que podemos dizer, contudo, é que a forma que o ser humano se relaciona com a agressividade é qualitativamente diferente em seus estágios históricos dentro de padrões civilizatórios diversos e não temos dúvidas de que isto também vale dentro do horizonte de abolição da propriedade privada e supressão das classes (FREUD, 2011, p. 51-62).

formulações simbólicas de igual modo históricas e necessárias⁸⁵. As ditas sublimações necessárias de Marx e Engels ganham aqui seu devido crédito como pressupostos da realização da forma mercadoria e de sustentação deste mundo virado do avesso em que vivemos. E no que se cimenta esta hipótese? Voltamos a Reich (1998):

Ideologicamente, o caráter neurótico receia sua realização prática. Sua couraça de caráter proíbe uma alteração no padrão de vida, que se tornou rígido. [...] Acontece muitas vezes, de fato que o mesmo indivíduo que diz sim quando se trata de uma questão ideológica se torna um opositor veemente, na prática, quando outras pessoas promovem alterações reais. Nesse ponto, os limites entre o caráter neurótico e o indivíduo acometido de peste emocional se confundem. (p. 467, grifos do autor)⁸⁶

Aqui compreendemos que a couraça do caráter desempenha este papel fundamental de cisão da *práxis*. A neurose⁸⁷ se apresentando como uma solução à não-intervenção do sujeito na realidade, um sintoma que coagula a sangria do Capital desde dentro daqueles que poderiam dar o golpe fatal. Esta solução, vimos, se faz no foro íntimo da família onde a produção do valor de troca se estabelece como possível. A noção de privado, já referimos, é necessária para o Capital, mas não há nada privado para o Capital, tudo para ele é um potencial aliado político. Dentro da família compreendemos que o caminho a realidade sexual que tanto anseia ao sujeito pode ser traçado em suas singularidades para cada indivíduo, mas jamais individualizado:

O ‘complexo de Édipo’, que Freud descobriu, não é pois tanto causa mas antes consequência dos limites sociais fixados á sexualidade da criança. E os pais, de modo totalmente inconsciente, fazem adoptar as concepções da Igreja e da classe dominante. (REICH, 1979, p. 56)

Reich assim, inverte a concepção freudiana do complexo de Édipo universalizada⁸⁸ enraizando seus pés no chão. Tal como Marx fizera com Hegel, o médico nascido na atual Ucrânia despe o espírito absoluto freudiano da civilização em sua concretude material: o complexo de Édipo, fundamento histórico da neurose, é necessário numa sociedade que vive não da livre realização sexual do sujeito, se não de suas fixações inexplicáveis que lhe levam a temer qualquer mudança como desesperadora⁸⁹. O essencial do complexo de Édipo é o trauma, e este pode ser vivenciado das mais diversas formas pelas subjetividades que povoam a vida real, o que afirmamos aqui, no entanto é que o trauma é necessário para o Capital, e, para que avancemos, faz-se necessário dizer que a saída para o desespero individual, passa pela profilaxia das neuroses, ou seja, pela luta contra aquilo que as torna necessárias (REICH, 1976, p. 79).

⁸⁵ “Também as formações nebulosas na cabeça dos homens são *sublimações necessárias* de seu processo de vida material, processo empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais”. (ENGELS & MARX, 2007, p. 97, grifos nossos).

⁸⁶ Sobre a peste emocional em específico, será trabalhada no próximo capítulo.

⁸⁷ ‘Pode-se definir “neurose” como uma distorção ou defeito na relação entre indivíduo e realidade’, (LOWEN, 1977, p. 107).

⁸⁸ Os limites deste universalismo são constatáveis no instante em que passamos a aplicar a noções edípicas de Freud as mulheres.

⁸⁹ ‘Não é uma “necessidade material” no sentido da economia marxista o que produz as neuroses. Antes, são as neuroses dessas pessoas que lhes destroem a possibilidade de fazerem algo de sensato quanto à miséria...’ (REICH, 1989, p. 73-74). Aqui Reich parece ter um outro conceito para necessidade material atrelado a miséria.

CAMINHOS PARA A CONSCIÊNCIA, O COMPROMISSO DA PRÁXIS

Tratar de uma cisão parte do princípio de partes que caminham em sentidos opostos. Veremos no próximo capítulo que isto não é necessariamente verdade, mas no caso das neuroses podemos trabalhar em cima deste postulado. Quando há conflito entre duas partes, avançamos para a solução de um compromisso, que, é um termo utilizado também pela própria psicanálise, mas qual compromisso é este?

Ninguém entra num Partido Comunista, ou em qualquer coletivo que parta do princípio da consolidação de novas relações, estando apto para a vida interna sobre a égide da nova sociabilidade. O ingresso nas fileiras da história frequentemente vem permeado por emoções por vezes desconexas de um lado e de outro ilusões teóricas a partir de concepções de sujeito histórico mais individualistas. Seja no abstrato da teoria, ou na irritação do universo emocional, o sujeito pode encontrar no Partido um organizador de sua própria subjetividade dentro de uma coletividade onde imperem novas relações. Tais relações se fazem cada vez mais vivas, como Reich explicita em seu estudo sobre a consciência de classe, a partir, não de uma demonstração teórica, mas de um *desenvolvimento* da necessidade da Revolução (*Ibidem*, p. 30). Esta necessidade, vimos, já é viva dentro do sujeito, basta que ela desenvolva seu caráter prático em um programa para a classe trabalhadora, com base no preceito de que *apenas esta pode ser responsável por si mesma*⁹⁰. A prática só pode ser critério da verdade do sujeito, se ele por ela se responsabilizar no processo da *práxis*, e este compromisso, defendemos, só um Partido Comunista pode reestabelecer em um processo dialético⁹¹. Agora passaremos para processos onde há uma coerência aparente entre teoria e prática, sem, no entanto, uma responsabilização subjetiva.

⁹⁰ 'Um programa para a Juventude, com base no preceito de que a "*juventude só pode ser responsável por si mesma* [...] quando esta tiver compreendido as razões deste fosso, compreenderá que está oprimida e tornar-se-á madura para a revolução social.' (REICH, 1976, p. 29, grifos do autor).

⁹¹ Aqui vale explicitar nossa visão de sujeito revolucionário a partir do debate sobre o que seria uma "arte revolucionária". Nos amparamos na ideia de que revolucionária não é a arte senão o sujeito que a concebe que, tendo em sua reprodução da vida as raízes plantadas na luta concreta de libertação desta, conflui para a arte como uma práxis social enraizada num caráter que já consegue lutar com maior ou menor liberdade.

PESTE EMOCIONAL, REALISMO CAPITALISTA E FASCISMO

Reclamar uma agência política real significa, primeiro de tudo, aceitar nossa inserção a nível de desejo no moedor de carne sem remorsos do Capital (FISHER, 2009, p. 15)

A PESTE EMOCIONAL

Existe dentro da tradição reichiana um compromisso com a análise de estruturas psicológicas coletivas, isto surgindo a partir da experiência clínica de Reich como diretor da Clínica Psicanalítica Pública de Viena, entre 1928 e 1930, e a partir de sua militância junto ao movimento comunista alemão. O mesmo irá realizar trabalhos interessantes de análise da composição histórica e estrutural do movimento fascista, dos problemas e das alternativas para o movimento operário da época, e por fim a concepção biopática de Peste Emocional. Tal concepção, acreditamos, pode estar na raiz estrutural de um dos problemas históricos que nos devemos colocar:

Podemos definir a peste emocional como um comportamento humano que, com base numa estrutura de caráter biopática, age de maneira organizada ou típica em relações interpessoais, isto é sociais, e em instituições (REICH, 1998, p. 464, grifos do autor).⁹²

O conceito de biopatia não entrará em análise neste trabalho, no entanto, consideramos um campo fecundo e ainda mal explorado deixado pelo autor, é pertinente fazer menção de que, no desandar da perseguição que sofreu pelo governo estadunidense, boa parte dos trabalhos tardios de Reich que se utilizavam deste conceito, publicados pelo *Instituto Orgone*, fundação de pesquisa que dirigia, foram queimados. O fundamental de biopatia que devemos abordar para compreender a Peste, diz respeito à frustração genital⁹³ que estrutura ambas: “A estase da energia sexual é o ponto comum entre a peste emocional e todas as outras biopatias.” (*Ibidem*) Esta frustração pode nos levar em direção a uma forma de dispêndio energético sintomática, como é o caso da Peste, característica de um sujeito que se recusa a responsabilizar por suas emoções. É importante aqui também ressaltar que não falamos de algo fixo, mas de manifestações de núcleos reprimidos que podem vir ou não a ser mais ou menos duradouros⁹⁴, tal interpretação é mais nítida a partir do seguinte trecho:

A peste emocional está mais ligada ao caráter neurótico do que a uma doença cardíaca orgânica, por exemplo, mas pode, em longo prazo, levar

⁹² É sintomático que a abordagem da peste se encontre, justamente num livro mais destinado a técnicas terapêuticas e a estruturas de comportamento, a *Análise do caráter*. É importante frisar que quando Reich tratava de estruturas não pensava em algo fechado unívoco e coerente, mas de expressões concretas das mesmas nas subjetividades que se apresentavam. De forma alguma, Reich tomava essas estruturas como algo pejorativo *a priori*. Isso, no entanto, mudará em dois de seus últimos textos, *Escuta Zé-Ninguém*, escrito na cadeia, e *O assassinato de Cristo*. Neles, Reich parece não conservar a Peste como uma patologia, mas agora sim, como uma ofensa. Tais posições não devem ser julgadas num abstrato, mas no plano concreto de um homem perseguido por suas convicções no terceiro país que escolhera para viver, os Estados Unidos, algo que ele considerava como expressão da peste.

⁹³ Genital aqui deve ser compreendido a partir do viés psicanalítico de desenvolvimento humano, sendo o estágio de maior contato com a realidade, característico de um sujeito com capacidade de se abandonar livremente as excitações que lhe permeiam.

⁹⁴ “Não há uma linha nítida que distinga os indivíduos acometidos dos não acometidos.” (*Ibidem*).

ao câncer ou à doença cardíaca. Tal como a neurose de caráter, é alimentada por pulsões secundárias. (*Ibidem*, p. 462)

Este elemento das *pulsões secundárias* é interessante para compreendermos a tópica reichiana, que, avaliamos, foi pouco desenvolvida de maneira teórica, talvez, justamente por seu uso ser mais operacional. Em seu *A função do Orgasmo*, Reich (1989) pincela brevemente sua compreensão tópica marcada por uma camada superficial, caracterizada pela polidez e um autocontrole digno de nossos notáveis liberais nos corredores do congresso nacional, uma segunda camada que é reprimida pela primeira que seria o inconsciente freudiano⁹⁵, também muito comum em nossos notáveis liberais quando realizam seus jantares a portas fechadas com o empresariado nacional, e a terceira e mais profunda, de pulsões naturais do sujeito humano características do contato aberto com o mundo (p. 201)⁹⁶. Já observamos como a camada mais profunda é rejeitada pelo mundo, cabe agora compreender como as duas mais superficiais administram a situação.

Vimos que a estrutura familiar capitalista desenvolve a cisão entre sentimento e o eu que faz a ponte com o mundo. O sujeito não necessariamente se estagna em função disso, pois pode desenvolver novas formas possíveis de dispersão desta energia sexual, formas pelas quais ele tende a negar sua responsabilidade por não estar completamente investido nas mesmas. Cria-se um ciclo interpessoal onde um faz para agradar o outro, levando assim a suscetíveis frustrações, elaborando racionalizações cada vez mais coesas do que se deve fazer para agradar ao outro, sem, por conseguinte precisar encontrar-se com o real desespero da própria negação de não assumir seus desejos. A dor torna-se suportável pelo aval do outro, a ação ganha justificativas frágeis capazes de desmoralizar no primeiro sopro de lobo que encontrarem pela frente, o que torna inclusive muito mais prático adotar uma prescrição ao invés de desenvolver sua própria ética.⁹⁷

Uma característica básica e essencial da reação da peste emocional é que a ação e o motivo da ação nunca coincidem. O motivo real está escondido, e um motivo falso é apresentado como razão da ação.[...] o asceta, o indivíduo acometido pela peste, [...] usa códigos éticos para justificar sua debilidade sexual. Esta justificativa nada tem a ver com a

⁹⁵Dizemos inconsciente freudiano, pois seria este o campo das manifestações secundárias sádicas e masoquistas, que Freud conseguiu bem captar em suas análises e que, contudo, não soube historicizar. Sua concepção de cultura esta atrelada a camada mais superficial desta tópica. Esta perspectiva também nos leva a um horizonte, que evidentemente não cabe a nós projetar enquanto sujeitos históricos, de negação do inconsciente, do interdito, de livre contato com o real a partir da livre circulação de pulsões da primeira camada e de compreensão integral dos processos de sublimação.

⁹⁶ "...a falta de capacidade para a satisfação sexual natural leva ao desenvolvimento de impulsos secundários, especialmente impulsos sádicos" (REICH, 1998 p. 464, grifos do autor).

⁹⁷ Sobre as possíveis elucubrações que o leitor possa estar tendo a respeito de padrões morais adequados a um caráter genital, ou a um revolucionário, somos partidários da tese de Ana Selva Abinati em *A questão da moralidade na obra de Marx (Op. Cit)*, de que o pai do materialismo histórico não propõe um sistema moral socialista justamente pela compreensão de que este se estrutura em cima de condições concretas de reprodução da vida, que pode ser também enxergada na ideia de Kolontai (2011) acerca da convergência entre a moral e a necessidade, expressa em *A nova mulher e a moral sexual*, e da citação que Reich (1985) busca em Lenin de que, "o comunismo não deveria trazer consigo as práticas ascéticas, senão a alegria de viver e a vitalidade com uma vida de amor bem colimada" (p. 198).

maneira como ele vive, *que já estava presente antes de haver a justificativa.* (Idem, 1998, p. 463)⁹⁸

O já citado texto de Engels sobre *O papel do trabalho...* ganha aqui novamente um papel interessantíssimo mesmo sendo um texto escrito ainda antes da existência da psicologia científica estar estruturada, pois, lembramos, “os homens se acostumaram a explicar seus atos por seus pensamentos em lugar de buscar a explicação em suas necessidades”. É aqui que encontra-se um ponto central da argumentação deste capítulo que avança sobre o chamado “realismo capitalista” de Mark Fisher: compreendemos este como uma faceta histórica da Peste Emocional, onde, se por um lado se comporta uma estrutura cínica de assumir descaradamente o que se está fazendo, se faz isso resguardado por um sujeito oculto, um outro ser que prescreve nossa capacidade operacional individual e coletiva. Tanto o neurótico quanto o empestado são propensos a racionalizações⁹⁹ que comportam o fetichismo burguês de grandes indivíduos ou ideais. A característica da ideia de uma *pós-ideologia* depende nevrálgicamente de não reconhecer que indivíduos ou ideais são esses que nos servem de balizadores morais, o que possibilita que, até certo ponto se esvazie o sentido das coisas, mas o núcleo duro, o núcleo que sustenta a práxis cindida e a prática necessária a sociedade capitalista, este jamais desapareceu, aliás, como veremos adiante, ele ganhou sua forma mais explícita e aberta¹⁰⁰.

ACREDITAR NO INACREDITÁVEL: O REALISMO CAPITALISTA

Fisher era um professor do sistema escolar britânico, e foi diante desta experiência que ele foi capaz de uma construção teórica de tamanha vitalidade como o realismo capitalista. Infelizmente não foi capaz de avançar de volta ao caminho da teoria da prática. Como não conheço sua trajetória de vida, não me atrevo a escrever uma linha sequer para além disso sobre o autor, mas a síntese que traz em seu *Capitalist Realism* talvez seja uma das contribuições mais importantes dos últimos cinquenta anos no campo ao qual nos estamos dedicando, a saber, das intersecções entre marxismo e a psicologia.

Mark Fisher é contemporâneo do neoliberalismo, verdade seja dita, se considerarmos o início do neoliberalismo como a experiência pinochetista, iniciada em 1973, e o princípio de sua derrocada enquanto padrão societário, que, acreditamos, possa se dar em outubro de 2019 com a insurgência chilena contra o legado da mesma, podemos dizer que o neoliberalismo e Mark Fisher não dividiram o mesmo espaço por meros sete anos, uma

⁹⁸ Encontramos aqui o padrão de disciplina necessário as instituições capitalistas que não fazem sentido para o próprio sujeito: uma justificativa para suas ações. Esta tentativa de coesão o livra do contato consigo mesmo. Em suma, negam as condições matérias de tal fenômeno, as emoções, para enxergá-lo de forma metafísica. Desde dentro de si até o mundo ao redor, o idealismo é uma compreensão de mundo negadora que se fundamenta em algum grau de negação de si mesmo, escapista, por mais que, ironicamente, o senso comum coloque pessoas profundamente comprometidas com seus próprios sentimentos como sendo “idealistas”.

⁹⁹ “Na verdade, o comportamento do caráter neurótico é altamente racionalizado, o que também é válido em boa medida para a peste emocional” (*Ibidem*, p. 462).

¹⁰⁰ Sobre este núcleo duro consideramos seu fundamento a ideia de um *homo oeconomicus*, este, nas palavras de K. Kosik “o homem como elemento funcional do sistema e, como tal, deve ser provido de características indispensáveis ao funcionamento do sistema.” (2002, p. 93). Mais interessante ainda para fins de nosso trabalho a reflexão de Hakiki-Talahite acerca desse conceito: “sob a aparência de um ser genérico, possui, em realidade, todas as características – masculinas – de um bom pai de família”, e nesse caso a família aparece mais como a extensão do *homo oeconomicus* do que com uma associação dos dois sexos (KARTCHEVSKY et. al., 1996, p. 98).

vez que este último nasce em 1968 e morre de suicídio em 2017. Para caracterizar o neoliberalismo, buscaremos alguém que viu seu início, e espero eu, que tenha o prazer de ver sua derrocada. Recorramos a José Paulo Netto.

Netto (1993) reconhece em seu *Crise do Socialismo e Ofensiva Neoliberal*, que o neoliberalismo é uma “argumentação teórica que restaura o mercado como instância mediadora societal elementar e insuperável e uma proposição política que repõe o Estado mínimo como única alternativa e forma pra democracia” (p. 77). Tal argumentação se reconhece no seguinte trecho do *Manifesto do Partido Comunista*, e se encontra como sendo a totalização da relação Capital que:

Afogue o sagrado êxtase do fervor religioso, o entusiasmo cavalheiresco e o sentimentalismo do pequeno burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca. Substituiu as numerosas liberdades escrituradas e adquiridas *pela única* e desalmada liberdade de comércio. Em uma palavra, em vez da exploração velada por ilusões religiosas e políticas, estabeleceu uma exploração aberta, descarada, direta e brutal. (ENGELS & MARX, s/d. p. 35)¹⁰¹

Vejam, esta última frase é uma referência a já mencionada filosofia da religião antiga, que era utilizada para naturalizar as relações de dominação. Rituais e floreios como os expostos na primeira frase passam aos poucos a se tornarem símbolos sem significado algum. Esta citação nos leva direto ao texto de Fisher, pois é sobre ela que ele se debruça para argumentar que:

Na conversão de práticas e rituais em meros objetos estéticos, as crenças de culturas prévias são objetivamente ironizadas, transformadas em artefatos. Realismo capitalista é, portanto, não um tipo particular de realismo; está mais para o realismo em si. (FISHER, 2009, p. 4)¹⁰²

Aqui encontramos o neoliberalismo como a totalização do processo descrito n’O *Manifesto*, mas se esta atitude avança para uma prática que arruína mitos, o realismo capitalista não deveria ser desmistificador? Sim, se ele não dependesse da ocultação de seu sujeito... Avancemos.

Marx coloca uma realidade em que a relação do Capital avança em seu processo cada vez mais total de dominação global, e objetivamente esta dominação tende a nos levar a um ponto onde agir “não faz sentido; apenas esperança sem sentido faz algum sentido. Superstição e religião, os primeiros recursos dos desajudados, proliferam.” (*Ibidem*, p. 3)¹⁰³. Isto significa que a mistificação segue ocorrendo, mas tende a um caráter, cada vez menos prático: nossos valores ainda interessam, mas não dizem mais respeito à realidade

¹⁰¹ No consultado: “Há ahogado el sagrado éxtasis del fervor religioso, el entusiasmo caballeresco y el sentimentalismo del pequeño burgués en las aguas heladas del cálculo egoísta. Há hecho la dignidad personal un simple valor de cambio. Há sustituido las numerosas libertades escrituradas y adquiridas por *la única* y desalmada libertad de comercio. En una palabra, en lugar de la explotación velada por ilusiones religiosas y políticas, há establecido una explotación abierta, descarada, directa y brutal.”.

¹⁰² Do original: “In the conversion of practices and rituals into merely aesthetic objects, the beliefs of previous cultures are objectively ironized, transformed into artifacts. Capitalist realism is therefore not a particular type of realism; it is more like realism in itself.”.

¹⁰³ Do original: “Action is pointless; only senseless hope makes sens. Superstition and religion, the first resorts of the helpelesse, proliferate.”.

histórica em que vivemos, estão em outro plano, não são mais crenças senão uma esperança sem sentido. O etéreo céu onde se refugia nossa redenção se torna, única e exclusivamente nossa cabeça¹⁰⁴, o capitalismo nos sitia, e nos saqueia. “Da crença à estética, do engajamento a expectativa”, o capitalismo se coloca como um “escudo a nos proteger dos perigos da crença mesma” (*Ibidem*, p. 5).¹⁰⁵

Portanto, encontramos objetivamente o avanço da relação capitalista nua e crua por um lado, e subjetivamente um avanço cada dia maior para um céu hipostasiado em nossas cabeças. O sujeito coletivo do Capital, esta relação objetivada em nossas vísceras, não é sentido, pois nosso mundo dos sentidos é cada vez mais desvinculado da prática social para que possamos suportá-la. Nada se desmistifica, o indivíduo se torna a medida de todas as coisas, e sua atividade concreta é cada vez mais um traço num mapa, calculável e previsível. O trabalho humano abstrato pode se tornar cada dia mais abstrato, pois desligado duma subjetividade concreta. Isto evidentemente é uma tendência, e que possui medidas contrarrestantes: o fascismo, etapa histórica da Peste, à época de Reich, hoje ganha força novamente, mas o cinismo do realismo capitalista luta por sua hegemonia, vêm a luta interna da classe dominante.

IRRESPONSABILIDADE ATIVA X RESPONSABILIDADE PASSIVA

O Capital é uma relação dominante que comporta em si a concentração de capital, portanto, tornando a competição intercapitalista um funil cada vez mais estreito de grandes bilionários. Isto se reflete em disputas pela condução política de uma dada sociedade como uma das suas manifestações mais evidentes, tal disputa, hoje, se faz entre duas formas de Peste Emocional: o cinismo, e o fascismo.

O título deste subcapítulo, é composto por verdadeiros sinônimos que se contrapõe, equalizaremos o primeiro ao cinismo e o segundo ao fascismo, mas a realidade é que, partindo da ideia de uma estrutura emocional que comporta duas expressões, não devemos ver tanta diferença. Um dos pontos centrais em que poderíamos buscar a diferença começa a ser construído a partir da ideia de Fisher de que:

O papel da ideologia capitalista não é fazer um caso explícito em nome de algo da forma como faz a propaganda, mas de esconder o fato de que as operações do capital não dependem de forma alguma de qualquer forma de crença subjetivamente assumida. (*Ibidem*, p. 12-3)¹⁰⁶

Vejam, o fascismo, enquanto medida contrarrestante, envolve uma prática, que parte de crenças desenraizadas do real, que é um foco de desespero¹⁰⁷, tomado pela lógica já

¹⁰⁴ O individualismo e o consumismo aqui ganham terreno e esta própria hipóstase pode montar no cavalo do carrossel da acumulação.

¹⁰⁵ Do original: “from belief to aesthetics, from engagement to spectatorship, [Capitalismo se coloca como um] shield protecting us from the perils of belief itself.”.

¹⁰⁶ Do original: “The role of capitalist ideology is not to make an explicit case for something in the way propaganda does, but to conceal the fact that the operations of capital do not depend on any sort of subjectively assumed belief.”.

¹⁰⁷ “Devemos estar atentos quanto a isso, como eu disse no início: o fascismo é um movimento dos famintos, daqueles que estão em sofrimento, dos desiludidos, daqueles que estão sem futuro.” (ZETKIN, 2019, p. 69).

exposta do Capital: Deus, Pátria e Família¹⁰⁸, por exemplo, são abstrações completamente subjetivas e mensuráveis a partir das réguas de cada um de nós desde o momento em que as vistas filosofias da religião passaram a prescindir delas para o avanço do Capital. Mas elas são mobilizadores emocionais, impulsoras de uma ação inclusive coletiva, e são utilizadas em disputas políticas intraburguesas quando em momentos de crise e de riscos a ordem vigente. A estrutura correspondente a estes apelos, já vimos como se forma: é assumido por parte do sujeito uma identificação intransigente com alguma grande figura ou ideia que o leva a ansiada ética prescrita. Eis a responsabilidade passiva. Mais uma vez, uma fantasia que estrutura o Real.

O cinismo, por outro lado, explica Zizek, é um modo de ideologia onde

‘admite-se tudo’, mas esse pleno reconhecimento de nossos interesses não nos impede, de maneira alguma, de persegui-los; a fórmula do cinismo já não é o clássico enunciado marxista do ‘eles não sabem, mas é o que estão fazendo’; agora, é ‘eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas fazem assim mesmo’ (ZIZEK, 1996, p. 14)

Há uma problemática no raciocínio de Zizek, que nos leva, ao núcleo base de ambas as concepções: não se trata de saber o que está fazendo, mas de sentir. Como observamos, a Peste Emocional vai ao ponto onde não coincidem os *motivos reais* e a justificativa de uma prática. Ao apresentar os motivos reais como sendo de um enfoque consciente, Zizek preserva o dualismo mente e corpo, já superado, não por Reich, mas por Engels (s/d) em seu *O papel do trabalho...* (p. 380)¹⁰⁹. O cínico está próximo do fascista no sentido de que não é tocado o que possibilita as ações de suas estruturas, a catexia em uma dada pulsão que viabiliza a prática mesma. O cínico pode ser o irresponsável ativo, pois sempre relega a um terceiro, a um padrão societário de sobrevivência, suas motivações. Livros sobre enriquecimento, vídeos, planos extravagantes, a equiparação de uma vendinha de café a um banco bilionário são os mobilizadores imaginários de um ideal de vida melhor, mas que tem por fundo a barbárie mais crua e nua. Basta ocultá-la, escondê-la, como bem refletiu Fisher.

Os já referidos anseios práticos do neurótico são sintomáticos das contradições prescritas em nossa época, dos relativismos de ideais subjetivos e por aí caminhamos. Sejam claros: não trazemos aqui estruturas mecânicas, mas postulados para uma boa análise. O fundamental? Em nossa época, como em todas as outras, há mobilizadores emocionais que permitem ao sujeito acesso aos seus sentimentos, mas que guardam cada vez menos coerência com realidade, que baseiam em uma apreensão desta de forma cada vez mais compartimentada, e em função disso mesmo, são defendidos mais ferozmente. A leoa não se encarrega de proteger com mais afínco seus filhotes mais fortes, mas os mais fracos, por mais que este processo seja de natureza totalmente distinta ao processo sócio-histórico aqui enfocado.

O realismo que é hoje o realismo capitalista, portanto, é um realismo sem sujeito, ou melhor com um sujeito oculto, o Capital, e para o ser humano resta um sensualismo, sem possibilidade de questionamento, nem de construção ativa e responsável do real: este é

¹⁰⁸ Lema da antiga Ação Integralista Brasileira, o maior movimento brasileiro abertamente fascista da história. Membros e reivindicantes da antiga AIB concorrem hoje no partido do vice-presidente da república Hamilton Mourão, o Partido Renovador Trabalhista Brasileiro.

¹⁰⁹ Atrevemo-nos a dizer que este ponto de análise já estava presente no próprio Marx.

o fundamento da realidade, é isto que falta objetivamente, e que é sustentado, por assim dizer, subjetivamente.¹¹⁰ Na reconsideração do sujeito a partir dessas duas partes, concebendo uma totalidade, se retoma a compreensão da expressividade humana, da dimensão de responsabilidade, e se encurralam as contradições não superadas. A prática, aqui, novamente, é o critério da verdade.

Não importa no que pensarmos, se seguirmos fazendo a história sem sentimento, simplesmente, a ideologia estará operando, o espírito absoluto de nosso tempo estará se materializando enquanto tal, enquanto o sujeito material tentará encontrá-lo no metafísico. Este que é um ponto que nos surge de nossa leitura d'*A Ideologia Alemã*, e que, dentro das formulações de homens pré-balzaquianos, nos parece se provar necessário quase 180 anos após sua escrita.

A TRANSIÇÃO AO CONTATO COM A REALIDADE

Para conceber a superação da Peste Emocional, temos de, portanto compreender, que esta, assim como a neurose e a esquizofrenia se entrelaçam num mesmo núcleo duro de negação da realidade a partir da própria negação do sujeito. Lowen (1979), que enquanto discípulo de Reich não manteve em seu escopo a concepção de Peste Emocional, traça em *O Corpo Traído* (p. 33) um panorama interessante da dimensão espectral do contato com a própria realidade e sua relação com aqui aquilo que ele considera como *Saúde Emocional*. A seguinte imagem pode melhor esclarecer:



Trabalharemos nossa argumentação política do presente capítulo no próximo, a partir de um viés clínico e profissional da psicologia. Agora, trabalhemoss nossas considerações clínicas sobre a realidade política com a qual nos defrontamos.

É característico das várias vertentes em psicologia, e não nos furtaremos a reconhecer que tal vício pode sim estar presente em nossa própria, que consideremos por aspectos mais coletivos ou mais individuais nossas abordagens, neste caso, é fundamental que atentemos ao que nos diz Maria Rita Kehl (2015):

Não se trata de ir tão longe a ponto de supor que o apagamento da dimensão singular das formações do inconsciente; mas sim que a consistência com que o imaginário social responde as representações recalçadas do desejo favorece a *convalidação social do fantasma*, o que implica a possibilidade de as respostas fantasmagóricas ao enigma do desejo do Outro já não precisarem forçosamente ser tomadas a cargo dos sujeitos, em sua singularidade. (p. 93-4, grifos da autora)

¹¹⁰ Não é a meta deste trabalho avaliar a objetividade somatopsicodinâmica mais a fundo, no entanto, é importante se ressaltar que nenhuma psicologia materialista portará qualquer solução aos problemas apontados se não tiver uma compreensão também somática. Fazemos esta ressalva, pois foi carente, o currículo acadêmico deste autor, de cadeiras que trabalhassem a totalidade concreta do sujeito. Todas as cadeiras de neurofisiologia foram ministradas por professores de fora da psicologia.

Em *O Tempo e o Cão*, a autora busca traçar o perfil do sujeito deprimido que se apresenta no contemporâneo. A partir do conceito laciano de *demissão subjetiva*, posição do sujeito que sofre de culpa por ceder em seu desejo, ela encontra as condições de incorporação subjetiva necessárias a sociedade de consumo onde, a todo o momento são apresentadas várias representações que possibilitam a identificação e o gozo passivo sobre a tutela de um desejo do Outro. Até certo ponto, as estruturas divergem, mas vejamos no que constitui seu nexos central. O *ceder em seu desejo*, é uma ferramenta, vimos, necessária a subsistência do Capital em sua reprodução relacional, a grande diferença é que “o depressivo não desenvolve recursos para se proteger da ameaça de ser tomado como objeto passivo de satisfação de uma mãe que se compraz com o exercício de sua potência diante da criança fragilizada” (*Ibidem*, p. 15-6). O depressivo assim, é ferido num processo em que se vê impotente para buscar a construção de um universo simbólico que lhe permita algum contato sem ansiedade com a realidade. Também este se verá obrigado a silenciar as próprias vísceras no momento em que a angústia começa a emergir, sente culpa que ou será reelaborada, ou será silenciada novamente.

O fascista e o cínico têm por diferença que possuem uma elaboração simbólica consolidada, constroem estruturas que escapam a culpa superficialmente, há uma economia libidinal funcionando embora não necessariamente funcional. O que unifica estas duas estruturas de Peste e a depressão é a falta de compromisso como o próprio desejo:

No que toca à demissão subjetiva, o que varia de um sujeito para outro não é o maior ou o menor “conhecimento” do objeto de desejo, mas o compromisso – ou o descompromisso – com a condição desejante, através das escolhas de vida que representam o que mais importa e interessa a cada sujeito. (*Ibidem*, p. 58)

Tais estruturas não são mecânicas, tampouco unívocas no sujeito. Com vários paus se faz uma canoa pra navegar por sobre as águas onde se esconde aquilo que não pode emergir: o compromisso com o próprio desejo. O espectro de Lowen é interessante por nos dar a dimensão de vários caminhos que os sujeitos podem seguir, retomando desde a visão céfalo-caudal e segmentar de desenvolvimento reichiana¹¹¹. Essas considerações estruturais são fundamentais, e a solução para elas está no compromisso com o próprio desejo. Se por um lado, apenas no coletivo nos reencontramos enquanto indivíduos, apenas compromissado com seu universo interno emocional é que o sujeito pode se fazer coletivo e se reconhecer, claro, pois a sua própria existência enquanto ser social carrega profundamente as cicatrizes de nossa sociedade. A contradição entre coletivo e individual não é uma verdade eterna, aliás, ela simboliza apenas uma forma de ser no mundo que já não é racional, e que, portanto, já não pode ser real. (ENGELS & MARX, s/d, p. 616-23).

Para que tenhamos uma prática política consequente, portanto, é necessário um acolhimento total do sujeito para que seu desejo possa emergir como processo ativo de sua existência, e para tanto, não “se pode supor que algum movimento de libertação consiga atingir seus fins sem enfrentar, com sinceridade, clareza e rigor, a peste

¹¹¹ Visão que perpassa sete segmentos que se desenvolvem no processo de maturação humana, o ocular, o oral, o cervical, o torácico, o diafragmático, o abdominal e por fim o pélvico. Reich (1998) fará em *Análise de Caráter* um estudo praxiológico acerca dos desdobramentos funcionais da repressão de cada segmento (p. 341-359).

emocional organizada.” (REICH, 1998, p. 466). Começamos e terminaremos este capítulo com a citação de Fisher (2009), reclamar “uma agência política real significa, primeiro de tudo, aceitar nossa inserção a nível de desejo no moedor de carne sem remorsos do Capital” (p. 15)¹¹². Hora de compreender como construir as condições para que a carne retorne a unidade consigo e com o espírito.

¹¹² Do original: “To reclaim a real political agency means first of all accepting our insertion at level of desire in the remorseless meat-grinder of Capital.” *Capitalis Realism*, p. 15.

O FIM DA IDEOLOGIA? O PANORAMA ÉTICO-POLÍTICO DA PSICOLOGIA MATERIALISTA

Deposito minha fé no poder do corpo vivo de curar a si mesmo. Isso não é o mesmo que dizer que não podemos auxiliar no processo de cura. A terapia é um processo de cura natural no qual o terapeuta apoia a função de cura do próprio corpo. (LOWEN, 1997, p. 28)

A verdade por trás destas frases, antes de um encaixe contraditório de uma concepção metafísica naquilo que buscamos que seja materialista, diz respeito à função de um terapeuta em todo o processo de cura. Vejamos, se é costumeiro tratar-se a formação de sintoma enquanto um compromisso, há de se propor os agentes desta negociação. Vimos que a imbricação do Capital no nível mais íntimo do desejo humano se dá através de um sintoma, portanto, se faz compreensível que este seja um dos agentes desta transação. E quem é o outro? O próprio ser humano.

Esta dimensão de responsabilidade sobre o próprio sintoma, antes de um chamado a mediar a presença deste frente a um mundo que pode não o acolher, diz respeito a chegar nas raízes deste compromisso: por que afinal o sujeito tomou este caminho de não-responsabilização? Não vamos agora apresentar uma concepção nova, mas já presente em muitas terapias: a ideia de responsabilizar exclusivamente o terapeuta pelo processo de cura.

Essa ideia tem por respaldo, evidentemente, o avanço da medicalização da vida e de processo cada vez mais mecanicistas. Entregamos a um Outro a tutela e o saber sobre nosso corpo. Todos que estudaram psicologia temos a ciência de não saber, nem portar preconceitos¹¹³ acerca da singularidade que se nos apresenta: o que está em jogo é uma relação e a responsabilização de um dos entes pela mesma¹¹⁴.

A fé pode ser um ponto de difícil compreensão aqui. Esta, diferentemente da crença cega¹¹⁵, diz respeito a confiança, tanto no mundo ao redor, quanto no próprio organismo. Afirmamos: há uma tendência natural de cura do indivíduo pela própria natureza orgânica. Furtamo-nos de quaisquer citações, quem duvida deste postulado, propomos que observe a próxima vez que se machucar como funciona a reação de cicatrização a menos que se trate de um hemofílico, evidentemente. A pergunta que fica é, por que recusamos a reconhecer este próprio desenrolar da vida nossa, e por que, dentro de nosso relacional optamos por esta omissão, constituindo assim, sintomas?

Uma compreensão interessante nos apresenta Navarro (1987). O psiquiatra italiano localiza no desenvolvimento do timo, glândula localizada sob o esterno, na frente da traqueia, que se atrofia até cerca de uns três anos de idade, uma compreensão interessante acerca do eu e do não-eu:

¹¹³ Ao menos necessariamente.

¹¹⁴ Aqui parte-se do princípio de que o outro ente, o terapeuta, possua um universo relacional pelo qual possa se responsabilizar de forma mais efetiva, embora, nunca total na sociedade em que vivemos. Esta ideia já é presente nos 3 eixos de formação psicanalítica instituídos por Freud: a teoria, a supervisão, e a própria análise do terapeuta.

¹¹⁵ E aqui é interessante notar como a crença cega também já foi artifício de mobilização emocional nas terapias e inclusive de substitutivo a estas.

Uma das funções do timo recentemente descoberta é de servir de estágio aos linfócitos para aprenderem a diferenciar as moléculas que fazem parte do organismo e que devem ser respeitadas, distinguindo-as das moléculas estranhas [...]. É o que se chama em, imunologia, o eu e o não-eu (p. 77-78).¹¹⁶

Navarro traz, aliado a isto, a compreensão do que representa a região cervical, na qual está o timo e onde o autor vai localizar o narcisismo primário e secundário¹¹⁷, os mecanismos identificatórios do sujeito¹¹⁸, um dos eixos de origem da cisão entre mente e corpo¹¹⁹, e sua capacidade de se compreender e localizar em relação ao mundo a sua volta. O timo integra assim um complexo maior de autorreconhecimento e reconhecimento do mundo ao seu redor, e sua disfunção como a de todo o segmento pode provocar problemas naquilo que chama de *identidade biológica*, o que ocasiona o não reconhecimento do próprio corpo como parte de si mesmo. O compromisso assim firmado do eu com o mundo exterior, pode colocar como exterior o próprio eu, o corpo mesmo, o rearranjar de forma que já não se responsabiliza por este, não se identificar com o mesmo, e assim, a unidade do processo energético se desfaz, separando de um lado a mente, de outro o corpo, podendo, como todo o agente externo ameaçador, ser combatido e reprimido: surge aqui a base individual da moralidade.¹²⁰

A desconfiança no processo de autorregulação do sujeito é a raiz de toda moralidade. Reich (1976) coloca a autorregulação como fundamento da autoeducação do povo e da construção de um mundo novo, por isso para ele há poucos erros tão graves “como o de conceber a ‘consciência de classe’ como uma noção ética” (p. 23). Se a ordem socioeconômica vigente originou uma alienação do animal humano em relação a própria vida, gerando uma hostilidade em relação a mesma (*Idem*, 1989, p. 15), faz-se necessário que as massas “se tornem psiquicamente independentes e capazes de assumir a responsabilidade total pela existência social, e de determinar racionalmente a sua própria vida”. Para que isto ocorra, é, portanto, necessário ao ser humano retomar a responsabilidade pelos próprios processos vitais, se reconhecer enquanto sujeito nesta relação como o capitalismo e se responsabilizar por isto. Assim chegamos na necessidade

¹¹⁶ Vale lembrar que para o psiquiatra italiano, a partir de Ola Raknes, o segmento torácico se divide parte com a cervical, terceiro segmento, e parte com o abdome, quinto segmento. É importante destacar que não nos responsabilizamos por certas concepções equivocadas do autor em cima desta compreensão.

¹¹⁷ Navarro (1987) localiza no pescoço o instinto de conservação a partir do exemplo de um afogamento, o que fazemos para tentar sobreviver? Tentamos manter o pescoço acima da água para que a cabeça não se comprometa. “É por isso que situamos nesse nível o narcisismo primário, isto é, fisiológico, que infelizmente as condições culturais [...] transformaram em narcisismo secundário, isto é, neurótico” (p. 65).

¹¹⁸ “A limitação dos movimentos do pescoço repercute sobre a maneira como o sujeito olha ao redor de si mesmo [...] e isso fez perder de vista o conjunto privilegiando o pormenor e conduz a posições egoístas. Sua visão de mundo fica reduzida e condicionada pelo seu meio sócio-cultural e pelo *ideal de eu proposto que a pessoa deve atingir para não se depreciar*” (*Ibidem*, p. 68).

¹¹⁹ “O bloqueio do pescoço provoca uma cisão entre cabeça (cérebro, intelecto, teoria) e o corpo (vísceras, sentimento, práxis). [...] Dessa forma, acaba-se bloqueando as emoções, vivendo o papel contra a natureza, favorecendo a tecnologia contra a ciência e a arte e contribuindo para o desastre ecológico, renunciando, por fim, ao humor.” (*Ibidem*, p. 69.)

¹²⁰ Afirmamos que a base da possibilidade do valor de troca e da anulação de suas próprias determinações concretas, se tornando trabalho humano abstrato, nascem do não reconhecimento do próprio corpo como a si mesmo.

de uma luta concreta e coletiva pela destruição desta sociedade, e pela construção de “uma estrutura social que deve, antes de tudo, eliminar a miséria material e salvaguardar o livre desenvolvimento das energias vitais em cada um e em todos os homens” (*Ibidem*, p. 19). Uma psicologia materialista, portanto, *deve estar fundada na constituição deste sujeito capaz de se responsabilizar por suas relações e por si próprio*.

REDESCOBRINDO REALIDADE, REAL E TOTALIDADE

Compreendemos que a possibilidade de ausência da autoconsciência dentro das relações subjetivas com as quais nos defrontamos é um processo necessário a estrutura social em que vivemos, e isto se compreende em seu aspecto positivado a partir da afirmação contida em *A Ideologia Alemã*:

Também as formações nebulosas na cabeça dos homens são *sublimações necessárias* de seu processo de vida material, processo empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais (ENGELS & MARX, 2007, p. 94, grifos nossos)

Claro está que, se por um lado temos um processo de negação, há um outro de positivação. Eis que ocorre o processo singular de constituição e separação de real e da realidade, este “*real (a parte da realidade que permanece não simbolizada) retorna sob a forma de aparições espectrais*” (ZIZEK, 1996, p.26, grifos do autor) constituindo estas, não a ficção de nossa realidade, senão um aspecto que não conseguimos aceitar na mesma. Tal separação não é mecânica, o universo do interdito, quando excitado, retroalimenta a realidade do sujeito colocando novos pontos cegos que se descobertos, geram crises e clamam por novas elaborações:

As aparições espectrais emergem justamente nessa lacuna que separa perenemente a realidade e o real, e em virtude da qual a realidade tem o caráter de uma ficção (simbólica): o espectro dá corpo àquilo que escapa a realidade (simbolicamente estruturada) [...] *O que o espectro oculta não é a realidade, mas seus ‘recalcamento primário’, o X irrepresentável em cujo ‘recalcamento’ fundamenta-se a própria realidade* (*Ibidem*, grifos do autor)

O que defendemos aqui não diz respeito a pretensões onipotentes de compreensão do real, de adequar o movimento do real em uma reprodução imediata em nossas cabeças. Não guardamos tais pretensões tampouco delas precisamos enquanto premissa do processo revolucionário que advogamos. O que estamos colocando é que vivemos sob um sistema que necessita dessa “traumaticidade” do real. Vivemos em um mundo onde é necessário que não nos responsabilizemos por certas relações com que nos defrontamos. Já constatamos o conteúdo emocional dessa desresponsabilização, o que faz, efetivamente, com que tenhamos medo de toda a proposta que em nossa singularidade nos leve a caminhos convergentes aos da responsabilidade interdita, e respondemos a isto com sintomas, angústia, ou repressão¹²¹. Ou seja, a possibilidade de uma verdadeira profilaxia, passa por um processo de destruição desta ordem traumática.

¹²¹ “O fator quantitativo do representante instintual possui três vicissitudes possíveis, tal como podemos verificar pelo breve exame das observações feitas pela psicanálise: ou o instinto é inteiramente suprimido, de modo que não se encontra qualquer vestígio dele, ou aparece como um afeto que de uma maneira ou de outra é qualitativamente colorido, ou transformado em

Não se trata, portanto, de pensar um princípio teórico que conceba a realidade em seu todo, mas de poder transitar livremente pelo mundo dos sentimentos lutando contra aquilo que te aflige e sendo capaz de elaborar isso em determinações mediatas¹²². Não se trata aqui de pensar uma visão mundo em que o Real e a realidade sejam iguais, mas numa visão de mundo onde os recalques não estruturam a realidade como fundamento da ordem social. Se não conseguirmos situar o processo de recalque em sua totalidade energética e psicossomática não conseguiremos entender porque a teoria da luta de classes não resolve necessariamente o problema da ideologia.

IDENTIDADE SUJEITO OBJETO, ATÉ AS ÚLTIMAS CONSEQUÊNCIAS

Vejam, o problema da ideologia nos coloca diante do reconhecimento de uma classe enquanto tal. Lukács (2012) no seu *História e Consciência de Classe*, coloca a solução da contradição desta última como a colocação do proletariado como fator autoconsciente na história. Lukács faria uma autocrítica honesta desta perspectiva em prefácio publicado em edição posterior:

Mas será que o sujeito-objeto idêntico é mais do que uma construção puramente metafísica? Será que um sujeito-objeto idêntico é efetivamente produzido por um autoconhecimento, [...] será que ele é produzido numa consciência de si, por mais completa que seja? [...] [M]esmo que o conteúdo do conhecimento possa ser referido ao sujeito do conhecimento, o ato do conhecimento não perde com isso seu caráter alienado [...] o proletariado como sujeito-objeto idêntico da verdadeira história da humanidade não é uma realização materialista que supera as construções do pensamento idealista, mas muito mais um hegelianismo exacerbado, uma construção que tem a intenção de ultrapassar objetivamente o próprio mestre, elevando-se acima de toda realidade de maneira audaciosa (p. 25).

Concordamos com Lukács em sua crítica, mas o problema da unidade entre sujeito e objeto, aqui, ganha novos contornos. Trabalhamos com a tese de integração do sujeito, de fim do dualismo mente e corpo, a partir da profilaxia das neuroses, e, portanto, da desestabilização das interdições em seu universo emocional, e é aqui que chegamos no ponto central de diálogo com a tese de autorreconhecimento: para que haja alguma realidade material neste debate é necessário que considere-se a historicidade de nossa realidade subjetiva e acima de tudo a concretude objetiva de nossos sentimentos e da organização social destes, vital a ordem vigente. O ato do conhecimento perde seu caráter alienado no progressivo reconhecimento do desejo do sujeito, mas este só pode chegar a suas últimas consequências sob a égide de uma *nova organização social que não necessite das interdições em primeiro lugar*.

No sujeito individual, existe o espaço de trabalho para a psicologia operar nas singularidades destas interdições, reelabora-las, e, portanto, contribuir para a construção de operadores políticos revolucionários capazes de se responsabilizar pelas

ansiedade” (FREUD, 2021d, p. 91). Aqui voltamos a Reich: o representante qualitativo é a libido, e a angústia, sua não vinculação a um representante simbólico.

¹²² Sobre isso a carta de Engels a Piotr Lavrov de Novembro de 1875 faz menção ao fato de que “a luta pela vida só pode consistir” na “classe produtora tomar o controle e a distribuição da classe que anteriormente o exercia e que hoje se tornou incompetente para fazê-lo – e eis o que, precisamente, é a revolução socialista” (MARX & ENGELS, 2021, p. 317).

relações com as quais se defrontam. Tal afirmação traz consigo embutida a realidade de nossa categoria: se tratada com a devida honestidade, ela leva a própria negação. O projeto ético-político de uma psicologia materialista passa pelo desaparecimento da psicologia como a conhecemos hoje, pois aqui concebemos a prática da mesma como o desentrelaçamento do livre desenvolvimento da libido. Veja que tratamos aqui com possibilidades a partir de negação das necessidades atuais, assim como os pais do materialismo histórico:

Uma moral realmente humana, que esteja acima dos antagonismos de classes e acima da lembrança desses antagonismos, só será possível num estágio da sociedade em que o antagonismo de classes não só foi superado, como também foi esquecido da práxis da vida (ENGELS, 2015, p. 125).

Aqui não tratamos de positivações, mas de negações. Identifique-se a estrutura de algo e ataque em seu ponto nevrálgico que ela tomba. Não podemos, é verdade, tratar do fim da ideologia, mas podemos, sem dúvida, compreender em que se apoia o seu caráter de necessidade, e mesmo Lowen (1979), o mais insuspeito de comunista entre nossas referências, compreendia que é a partir da negação do que é necessário que algo novo pode emergir: “[s]e pudermos ajustar nossas exigências culturais, das crianças aos ritmos naturais de crescimento e desenvolvimento, muitas doenças mentais seriam evitadas [sic]” (p. 141).

Se o verbo conjugado na tradução acabou escapando a coerência, nós corrigimos: serão evitadas. Como vimos até agora, a necessidade de sustentação destas exigências culturais é característica da sociedade do Capital, então o único caminho possível para a questão é a Revolução social. Está claro, que “para o materialista prático, isto é, para o comunista, trata-se de revolucionar o mundo, de enfrentar e de transformar praticamente o estado de coisas por ele encontrado” (ENGELS & MARX, 2007, p. 30). Não mais falemos no que devemos fazer, mas como bons leninistas, passemos ao como.

Observamos que nossas interdições são universais estruturadas de forma singular, portanto, uma estrutura que comporte a diversidade dos sujeitos para uma unidade de ação é a forma possível de vencer as interdições e derrotar a estrutura que delas depende.

A REVOLUÇÃO COMO CATARSE

[A] revolução, portanto, é necessária não apenas porque a classe dominante não pode ser derrubada de nenhuma outra forma, mas também porque somente com uma revolução a classe que derruba detém o poder de desembaraçar-se de toda a antiga imundície e de se tornar capaz de uma nova fundação da sociedade. (ENGELS & MARX, 2007, p. 42.)

FANON E GRAMSCI, A REVOLUÇÃO SOBRE O PRISMA DA CATARSE

Evidente que uma palavra como “imundície” parece denotar um juízo de valor acerca da sociabilidade na era do Capital, e verdade seja dita hoje considerá-la-íamos como tal dado o supracitado desenvolvimento científico que viemos atingindo desde então, mas, em meados da década de 40 do século XIX, a simbolização que Marx e Engels acharam mais adequada para as determinações sociais que permeavam e cujos desenrolares permeiam nossa sociedade foi esta. Avancemos, portanto para dois revolucionários do século XX que podem nos ajudar.

Ainda na década de noventa do século retrasado, Freud já utilizava do termo catarse em seu trabalho com Breuer¹²³ (2021b, p. 18). Este termo na terminologia freudiana representa basicamente a descarga de uma tensão e a superação de um sintoma, e é interessante como ele é utilizado por dois autores distintos, um com passagem pela psicanálise francesa e o outro, que nos consta, sem menor contato com a psicologia das profundezas, falamos aqui de Frantz Fanon e Antonio Gramsci respectivamente. Vamos primeiro ao italiano cuja organização de ideias tendia a ser mais direta devido às restrições impostas pela cadeia fascista.

Pode-se empregar a expressão “catarsis” para indicar a passagem do momento puramente econômico (ou egoísta-passional) ao momento ético político, isto é, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isto significa, também, a passagem do “objetivo ao subjetivo” e da “necessidade a liberdade”. A estrutura da força exterior que subjuga o homem, assimilando-o e o tornando passivo, transforma-se em meio de liberdade, em instrumento para criar uma nova forma ético-política, em fonte de novas iniciativas. A fixação do momento “catártico” torna-se assim, creio, o ponto de partida de toda a filosofia da *práxis*; o processo catártico coincide com a cadeia de sínteses que resultam do desenvolvimento dialético. (GRAMSCI, 1978, p. 53)

Vejamos, um parágrafo de tamanha envergadura é digno de um livreto de 30 páginas ao menos somente para compreensão dos saltos do imediatismo egoísta-passional econômico ao político, do objetivo ao subjetivo, da necessidade a liberdade a readequação do que subjuga o ser humano a seus interesses e é claro o desenvolvimento dialético. Gramsci aqui compreende a catarse como um salto qualitativo total do sujeito em sua concepção de mundo, onde o egoísmo e o imediatismo são superados. Vimos que

¹²³ É interessante notar o papel germinal que Freud atribui a esta ideia em relação a sua teoria: “E não posso dar melhor conselho a qualquer interessado no desenvolvimento da catarse até chegar à psicanálise do que começar pelos *Estudos sobre a Histeria* e, desse modo, seguir o caminho que eu próprio trilhei” (FREUD, 2021b, p. 18, grifos do autor).

o que sustenta o egoísmo e o imediatismo são fixações libidinais, traumas. Mesmo que o sardo não conceba necessariamente uma ideia de integração dos afetos na totalidade de um sujeito que por sua vez passa a transitar por sua realidade de forma desentrevada, aqui está presente uma ideia fundamentalmente terapêutica de Revolução e de superação das determinações sociais de outrora. Uma nova forma ético-política surge, esta ideia já está presente em Marx se retornarmos ao *Manifesto*: o “verdadeiro resultado de suas lutas [da classe trabalhadora] não é seu êxito imediato, senão, a união cada vez mais extensa dos operários [...] organização do proletariado em classe [...], portanto, em partido político” (ENGELS & MARX, s/d, p. 40)¹²⁴.

Mas é claro que esta transição parte de um particular, e aí chegamos a Fanon (1968), segundo o qual o povo “reorganiza-se e concebe, no sangue e nas lágrimas, confrontos bem reais e imediatos. Alimentar os *mudjahidines*, postar sentinelas, ajudar as famílias privadas do necessário, substituir o marido assassinado ou prêso [sic]” (p. 42). Fanon tem a argúcia de compreender, como bom médico que não há vida sem nervo, e que, portanto, no que se desperta de nevrálgico no bicho humano em vias de libertação é onde habita a possibilidade que a vida se mobilize e se encaminhe pra sua natureza de luta contra o que quer que lhe oprima. Mas Fanon (1952) também sabe que as sociedades se sustentam por mobilizar o nevrálgico, o catártico, no sentido oposto a derrocada destas, “[c]ada tipo de sociedade exige naturalmente, uma forma de catarse determinada”¹²⁵ (p. 119). Nos momentos em que se libertam “as malhas apertadas do colonialismo”, em que a “tensão muscular” emerge em “explosões sanguíneas” (*Idem*, 1968, p. 40) é que surge a possibilidade de uma reestruturação subjetiva, um saldo reorganizativo individual.

Estes saltos trilham uma perspectiva de continuidade terapêutica e de mobilização energética posterior, embora aleatória e incerta, para além de volátil, por isso não apenas vemos a necessidade de uma terapia individual como de mecanismos internos no Partido Comunista para que alcancem o desenvolvimento mais estável para um sujeito revolucionário que para além dos demônios da exploração tem seus fantasmas internos para superar. O fundamental aqui é compreender que a potência deste processo reside no seu caráter combativo pois, quando “pontos de vista contrários aos seus lhe perturbam a vida e o trabalho, o indivíduo saudável empreende uma forte luta racional para preservar *seu* modo de vida” (REICH, 1998, p. 464). Há de se dar de dialético ao processo mais que apenas o nome: em carta datada de oito de fevereiro de 1893 a Wilhelm Fliess, Freud vaticina que “as neuroses são inteiramente evitáveis como também inteiramente incuráveis”, e que portanto a tarefa do médico “desloca-se totalmente a profilaxia”. Se por um lado Freud se preocupa com infecções sexualmente transmissíveis e gravidezes, ambas muito abrandadas pela existência de camisinhas, por exemplo, sua solução é a livre relação entre “rapazes e moças respeitáveis” (2021a, p. 136). Nosso amigo austríaco, se por um lado encontrou na sexualidade a raiz de neurastenia, histeria, neurose entre outros, por outro não pode conceber a historicidade da sexualidade mesma, e quando o raciocínio lhe colocava frente a frente com a realidade

¹²⁴ No consultado: El verdadero resultado de sus luchas no es el éxito inmediato, sino, la unión cada vez más extensa de los obreiros [...] organización del proletariado em clase [...], portanto, em partido político.”

¹²⁵ Do original: “Chaque type de société exigeant naturellement, une forme de catharsis déterminée”.

histórica de suas descobertas, recuava e tomava um caminho conservador de defensor da cultura e da civilização.

Nós afirmamos nesta tese que a sexualidade é enraizada em uma realidade histórica¹²⁶, e que na superação desta realidade que se constroem rupturas, crises sexuais, onde o novo aos poucos vai encontrando espaço pra nascer. Se é verdade que as neuroses são incuráveis, tardarão algumas gerações de revolucionários para que ela se dissipe, e não seremos nós a prever o futuro, apenas queremos com isto afirmar que este desenvolvimento não é mecânico, mas um processo que mesmo subjetivamente, é inútil esperar por uma transição completa. A materialidade nos apresentará novos seres, novas formas: não podemos dizer como será o mundo comunista mas podemos trabalhar pela superação do capitalista. Agora voltaremos nosso olhar para experiências organizativas na transição subjetiva.

O ACOLHIMENTO COLETIVO E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO REVOLUCIONÁRIO

Quando se constrói um Partido Comunista, há uma realidade de reunificação gradual da práxis que é reconhecida a partir de um sujeito com diversas restrições simbólicas e emocionais. Não trabalharemos, nem trabalhamos até agora com a perspectiva de que um Partido Comunista seja um agente terapêutico que, *per si*, resolverá as determinações singulares interditas de um sujeito, mas, que, como toda a relação, ele trás em si deslocamentos terapêuticos, tanto na reabilitação da práxis, quanto no fim da metafísica contraditória de indivíduo oposto ao coletivo. Afirmamos: o Partido Comunista em sua natureza de diversidade de ideias e unidade de ações, leva o indivíduo de forma mais direta a sua própria realidade emocional, o caráter coletivo da construção devolve ao sujeito aquilo que lhe é de individual e este pode observar isso de forma mais clara. Neste aspecto, tornamos a Gramsci:

A compreensão crítica de si mesmo é obtida, portanto, através de uma luta de “hegemonias” políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da ética, depois no da prática, atingindo finalmente uma elaboração superior da própria realidade. (*Ibidem*, p. 23)

Este embate se dá de forma tranquila? Partindo da intensidade das resistências que ele envolve, temos certeza que não, e é fundamental que tenhamos isto de forma mais clara para compreendermos o desembaraço das mesmas e o avanço dos sujeitos na reabilitação de sua práxis. Este processo é facilitado pelo reconhecimento do próprio sujeito, em cada avanço, do melhor desenvolvimento das suas potencialidades como um todo.

Dentro de um Partido, é normal, como em qualquer outro espaço coletivo, que um militante desenvolva relações individuais com os outros, e é nesses espaços que se torna possível escoar aquilo que lhe é revelado sobre si: na confiança da amizade se abre um caminho para a camaradagem a partir de um acolhimento, a menos, é claro, que encontre nos amigos respaldo a suas resistências, o que pode gerar, como nos mostra a história, problemas de orientação político partidária. Isto é característico de um processo que é

¹²⁶ Nada novo sobre o Sol, ver a título de exemplo a supracitada obra de Kollontai, *Abram caminhos para o Eros alado*.

tratado de forma individual e espontânea: a construção da camaradagem no ambiente partidário. O que enxergamos como um camarada?

Um camarada é aquele sujeito que dentro de suas relações desenvolve a capacidade de construção coletiva dentro de um panorama de responsabilidade e honestidade para com os seus iguais. A camaradagem por sua vez é um sentimento nascente como os primeiros feixes de luz de uma alvorada que inundará a terra. Sejam claros, a reabilitação da unidade da práxis e o fim da contradição entre individual e coletivo trazem consigo a supressão da sociedade que dependeu da cisão e da contradição: a camaradagem é o nascimento do novo homem e da nova mulher¹²⁷.

Para garantir o desenvolvimento de tal processo, o que se deve fazer? As esferas ditas individuais da vida humana nos remetem a uma separação entre aquilo que é público e aquilo que é privado, aquilo que é político e aquilo que é moralizado até a espinha para que escape-se de um debate fraterno e sincero. Sejam honestos, é uma posição estável em termos de caráter a de não pensar neste processo e tampouco devemos tratá-la com moralismos. O que deve ser tratado aqui é o acolhimento da totalidade do sujeito pelo Partido, e isto envolve seu universo emocional.

A tentativa mais concreta de que temos conhecimento é a reichiana SexPol do KPD¹²⁸, nela a discussão da realidade íntima do sujeito é trazida de volta a dimensão da disputa política concreta, este talvez seja o ponto central: o acolhimento coletivo a realidade privada também é fundamental para a dissolução de resistências para que, dentro do que a conjuntura apresentar de possível¹²⁹, se desenvolva uma totalidade coesa com condições de construir a melhor linha coletivamente e de construir de forma mais saudável a relação entre vanguarda e as massas em tudo que ela abarca¹³⁰. É necessário, no entanto, compreender a relação e utilização de elementos sociais de agregação simbólica apoiados em estruturas de nossa etapa histórica em momentos que a conjuntura restringe. A camaradagem não necessariamente será restringida por momentos como este, as duas formas de estrutura coexistem durante todo momento de luta pela nova sociedade que, como dissemos, não temos como pretensão de prever.

UM AGREGADOR SIMBÓLICO EMERGENCIAL: O CASO STALIN

Poucos sujeitos na história da humanidade foram tratados de forma tão distinta quanto Joseph Stalin. Se por um lado a reação intelectual sempre carregou suas pesadas penas

¹²⁷ “Camaradas, aqui, são o marco zero da possibilidade, o que resta após todo o resto desaparecer, permanência existindo em ruínas, no lugar negativo do começo” (DEAN, 2019, p. 63). Do original: “Comrades here are the zero point of possibility, what is left after everything else is gone, remainders existing in ruins, at the negative place of beginning”.

¹²⁸ Partido Comunista Alemão. A Sex-Pol foi uma frente de massas deste Partido, organizada por Reich que, em seu curto período de duração chegou a contar com cerca de 40.000 membros. Nela, Reich trabalhava questões que o povo trouxesse acerca da própria sexualidade muito bebendo da experiência que tivera a frente da Clínica Pública de Berlim. Sobre o preceito básico desta, Reich (1976) diz: “*tem de se obter a adesão afectiva das massas*, mas um elo afectivo implica que se saiba, como a criança em relação à mãe que a protege e o guia, que se será compreendido nas preocupações e desejos secretos, incluindo sobretudo o domínio mais secreto, o domínio sexual” (p. 76).

¹²⁹ Sobre isto o texto *Democracia burguesa x centralismo democrático* (REIS, 2021).

¹³⁰ Compreendemos a vanguarda não como força superior de comando, mas, nas palavras de Álvaro Cunhal (2021), como “força política que se funde com a classe e as massas populares” (p. 14).

com a tinta do anticomunismo, por outro, dentro da própria esquerda existem compreensões delicadas acerca do ex-Secretário Geral do PCUS: se alguns tendem a enxergar o camarada como uma espécie de entidade degenerativa, um anticristo do bolchevismo capaz de sepultar um Partido na unicidade de um indivíduo, outros avançam numa compreensão, menos abrangente, é verdade, de infalibilidade. Este trecho se dedicará a destrinchar a realidade por trás de ambos os discursos da esquerda a partir da necessidade concreta de uma situação histórica, a tese básica é: Stalin foi um agregador simbólico emergencial.

Quando falamos em agregador simbólico, falamos num arcabouço fundador de uma coletividade, grandes mitos que balizam a mobilização energética de sujeitos cujo livre desenvolvimento foi negado. Lukács em seu *Carta sobre o Stalinismo* rememora em seus tempos de Universidade a máxima repetida de que as “personalidades marcantes fazem a história” (LUKÁCS, 2021, p. 1). Não é por um acaso que a academia burguesa lançava enfoque sobre grandes sujeitos, a partir do mito da livre concorrência e da ideologia individualista de livre refúgio no seio de si mesmo em defesa contra o mundo, que em termos de estrutura se aproxima muito da psicose: ela garantia a reprodução teórica e espiritual da forma de produzir sócio histórica. O indivíduo então pode mobilizar-se em cima de uma epopeia de si, ou pode se mobilizar em torno de algo que vá sanar o mal-estar social, um ideal, um pacto, enfim, aquilo que Freud apresenta em *Totem e Tabu*¹³¹.

Freud apresenta uma forma-histórica de vivenciar a subjetividade, por mais que a tenha naturalizado, o que faria com que Eric Hobsbawm o considerasse um mal-historiador. O fundamental para avançarmos é compreender que, a partir dos processos de desenvolvimento afetivo na sociedade do Capital, o sujeito precisa buscar uma identidade simbólica ou reencontrar a via de seu desejo, seu caráter desintegrado possibilita vivenciar os dois estados simultaneamente¹³², e é este o aspecto a discutirmos a partir de Stalin.

Retornando ao texto de Lukács, o autor observa que a realidade material do assim chamado culto a personalidade¹³³ não pode ser encarado apenas como uma estrutura

¹³¹ Esta obra de Freud já nos apresenta uma renúncia à transformação da realidade social. Freud nos apresenta uma “realidade insatisfatória”, onde mais vale fugir para “um mundo mais agradável da fantasia” (FREUD, 2021c, p 57), na qual se apoia a estrutura neurótica, que prefere a realidade psíquica a concreta (*Ibidem*, p. 113). Isto levará Freud a um mito fundador de um pai primevo que um impulso hostil da criança aniquilou de forma imaginária, o que para sua estrutura neurótica, seria o suficiente para causar grande impacto e intervir em sua prática social. Aqui Freud transforma a neurose numa estrutura ahistórica. “O sistema totêmico foi, por assim dizer, um pacto com o pai, no qual este prometia-lhes [a seus filhos] tudo o que uma imaginação infantil pode esperar de um pai - proteção, cuidado e indulgência - enquanto que, por seu lado, comprometiam-se a respeitar-lhe a vida, isto é, não repetir o ato que causara a destruição do pai real”. Este mito estaria fadado a se repetir na relação com um pai substituto, pelo qual se tentaria “apaziguar o causticante sentimento de culpa” e “provocar uma espécie de reconciliação com o pai” (*Ibidem*, p. 104). Freud ao naturalizar a neurose, naturaliza a realidade insatisfatória, e quem diria, ao fugir de uma realidade *satisfatória*, encontrou um mundo *menos* agradável da fantasia.

¹³² E tampouco a identidade é algo coeso ou mecânico, o capitalismo é um sistema que comporta a diversidade mais impensável, dentro dos limites de arregimentação prática que ele demanda.

¹³³ Não negamos aqui que haja, na estrutura subjetiva burguesa, uma tendência a um culto a personalidade, o que nos vemos, no entanto, obrigados a colocar é que não se trata de um fenômeno surgido ou utilizado a partir do governo do camarada Stalin, mas de uma realidade que

enorme sob a tutela de Stalin, mas como uma estrutura piramidal onde, conforme chegamos às bases observamos a existência de pequenos Stalins, produtores e mantenedores do padrão psicológico de culto (LUKÁCS, 2021, p. 1). Vejamos, e nisso o autor é bastante claro: tal estrutura não pode ser encarada a *per sí*, mas deve ser vista sobre o pano de fundo de uma situação interna e uma internacional a partir da Revolução de Outubro (*Ibidem*, p. 2). O autor, como um comunista, não foge a crítica, no entanto, de que, por mais que as condições fossem duras, Stalin deixou-se passar dos limites do “estritamente necessário” (*Ibidem*, p. 3). Não vamos nos contrapor aqui a crítica lukacsiana, para além de considerar que o autor não faz uma avaliação mais profunda em seu texto das estruturas psicológicas das massas soviéticas e das próprias teorias que fundamentam a superação de nossa subjetividade histórica atual.

O enfoque de Lukács é mais concernente ao marxismo de Stalin e suas concepções manualistas de um sistema de ideias que se fechava em si mesmo e que, portanto, morria pra realidade. A partir deste sistema que Lukács extrai uma avaliação das estruturas do governo do período Stalin, e de suas consequências:

Mas estas notas breves e fragmentárias bastam para mostrar que, no caso de Stálin [sic], não se trata de erros particulares e ocasionais (como alguns tentaram apresentá-los) e sim de um falso sistema de idéias [sic] gradualmente montado, um sistema cujos efeitos nocivos se fazem sentir tanto mais dolorosamente quanto menos as condições sociais atuais são semelhantes às condições em que apareceu o sistema stalinista e das quais o mesmo foi o reflexo deformado e deformante (*Ibidem*, p. 9).

As condições em que o sistema apareceu evidentemente seriam diferentes, nada para no tempo, agora a consideração acerca de seu falso sistema de ideias tampouco pode ser desenraizada da realidade de uma tradição manualista que envolvia entre alguns nomes Bukharin e Plekhanov para ficarmos entre os russos. Stalin não pode ser desconectado de seu contexto e tampouco podemos desconsiderar a função simbólica deste manualismo num período onde a conjuntura exigia um rápido avanço produtivo do país e um entendimento emergencial do que estava em jogo na luta pela Revolução. Os excessos da identificação com Stalin e com a pátria soviética¹³⁴ também devem ser consideradas com uma tática coletiva, por mais que os processos de democracia interna do PCUS sofressem com as condições objetivas e mesmo com a condução centralizadora,

acompanha as figuras mais divergentes como Napoleão, Getúlio Vargas, Dom Pedro II, a Família Real inglesa, Lula, Lech Walessa, Hitler e Churchill. *A historiografia burguesa dos grandes homens se funda na estrutura psicológica do pai primevo.*

¹³⁴ Vale lembrar que a Rússia era composta por diversas nacionalidades e etnias com forte racismo por parte da etnia grão-russa pré-revolução. A ideia de unificação em uma pátria era, como aliás, salvo exceções, costuma ser, algo mais complexo do que uma simples formalização de uma unidade territorial, vale lembrar da conduta da URSS em relação aos povos de sua unidade territorial: Lenin (2010) preconizava a “união voluntária das comunas proletárias com o fito de destruir a dominação burguesa e a máquina de Estado burguesa.”, (p. 74), ou seja não haveria coerção às nações se não quisessem se juntar aos revolucionários de 17. Ainda sobre a identificação, é interessante notar que não se tratava apenas de um fenômeno soviético: todos os Partidos Comunistas pertencentes a III Internacional encaravam Stalin como o “Campeão da Paz” e isso também se refletia em símbolos e homenagens, sendo que até hoje pouco foi dito ou escrito relativo à separação entre o culto de responsabilidade do PCUS e o de responsabilidade de outros partidos. Sobre isso, as palavras do ex-Secretário Geral do PKI, Dipa Nusantara Aidit: “Ele era um ‘farol’ [...] cujo trabalho foi ‘ainda útil para os países do Oriente” (PRASHAD, 2019, p. 140). Também é de se fazer menção a substancialidade do culto a Stalin expressa nas conquistas dos soviéticos sob sua direção.

tudo deve ser considerado a luz de uma luta contra a reação que prometia ser esmagadora, como efetivamente o foi em diversas situações contrarrevolucionárias ao longo da história, e a luz de uma responsabilidade coletiva dos militantes do Partido.

Stalin era um leninista, o que quer dizer em primeiro lugar que, ele olhava para os objetivos de seu Partido e pensava como alcança-los. Um dos principais objetivos da geração de Outubro era o fim da Guerra Imperialista e na própria avaliação de Lukács, ela objetivamente deixa de ser inevitável a partir das vitórias da URSS (LUKÁCS, p. 9). Verdade seja dita, Lukács escreve isto em 1963, isto pende tanto para avaliações que desconsiderem a derrocada da URSS quanto para avaliações excessivamente influenciadas pelo XX Congresso do PCUS, famoso pelo relatório secreto de Nikita Kruschov com uma série de denúncias a Stalin. O fundamental, no entanto, é a luta pela paz enredada pela URSS.

Veja, Stalin, ao se tornar Secretário Geral do PCUS, enxerga pela janela um país destruído pela invasão de uma série de potências bélicas ocidentais, o avanço de uma ideologia anticomunista no coração da Europa Ocidental com a vitória de Mussolini, a derrota maior do Partido Comunista Alemão com os assassinatos de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, uma retaguarda oriental marcada por colônias inglesas e francesas e pelo imperialismo japonês, e, é claro, um povo que passava fome e padecia de frio. Sejam honestos no trato: um país a reconstruir em meio a tantos problemas não pode se furtar ao uso de recursos simbólicos agregadores dentre de uma sociedade onde a atividade consciente e coletiva é delimitada pelos limites da luta de todos contra todos pela sobrevivência. O capitalismo é um moedor de carne, e não é do dia pra noite que se apaga as marcas que ele deixa num povo, ainda mais um povo que, apenas menos de 50 anos antes, acabara com a servidão comunal.

Evidente que se cometeram vários erros políticos durante o período de direção de Stalin, mas a grande questão é justamente predicar estes erros como *políticos*, pois se não o fizermos, trataremos com um moralismo de certo ou errado e recairemos na mesma estrutura de identificação simbólica e moral. O caso mais clássico são os expurgos, não haja dúvida, e a incapacidade de certa parte da esquerda de politizar a morte, tratar um assassinato objetivamente como algo criticável ou não, denota uma incapacidade de politizar a própria vida e compreender que ela é a raiz de nossa luta enquanto comunistas. Pashukanis, Trotsky, Zinoviev, Pistrak são assassinatos políticos, devemos criticá-los ou não, mas jamais expurgar quem os cometeu simplesmente por serem assassinatos, pois em todo processo revolucionário para acabar com um sistema assassino nos veremos diante de uma luta de vida ou morte, e estes são polos *políticos*.

No que tange ao seu papel, os recursos simbólicos balizados na figura de Stalin não foram apenas reforçados de cima, como serviram de calor que alimentou uma fogueira por baixo que garantiu que a URSS derrotasse o maior deslocamento de tropas da história humana na operação Barbarossa, resistisse à invasão japonesa, garantisse armamento e capacidade bélica para o enfrentamento de ambas, o desenvolvimento técnico para ser uma influência geopolítica, e é claro que o povo não padecesse mais com males históricos da Rússia czarista.¹³⁵ O agregador simbólico emergencial que foi Stalin, assim como foi

¹³⁵ Apenas dando um breve exemplo, o capítulo de *Mulher, Estado e revolução*, de Wendy Goldman, sobre os *bresprizorniki*, ou crianças sem lar (2014, p. 97-140). O livro em si, contém um apanhado histórico dialético muito interessante sobre o desenvolvimento das políticas

Lenin, e assim como foi o ideal de unidade entre os povos, de força do movimento de mulheres e por aí vamos... foi o que tornou possível que o país se mantivesse firme frente as ameaças que, mais do que se utilizarem de estruturas psicológicas conservadoras circunstancialmente, dependiam e dependem delas de foram nevrálgica¹³⁶.

O final do texto de Lukács é curioso, pois, na alvorada de um novo marxismo que ele vislumbrava, mas cujos resultados jamais saberia quais foram, ele afirma que a “grande tarefa da cultura socialista, hoje, é a de tornar-se, para os intelectuais, tanto como para as massas, uma pátria espiritual”, acrescentando que nos “anos vinte, política e economicamente tão difíceis, isso já fora [sic] conseguido em larga medida” (2021, p. 10). Pátria, também é uma figura agregadora e simbólica. Seu grande triunfo para o socialismo é se tornar balizadora de uma prática que, como observamos, conduza a revolução social e a transformação do próprio indivíduo. Não nos custa lembrar em tempos de novas ofensivas contra Cuba que, aquilo que manteve a ilha firme em todas as crises na sua luta contra o imperialismo foi seu povo, guiado pela insígnia *pátria ou morte*.

A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ BIOGRAFADA

Retomando a música de Sérgio Sampaio, o amor, expressão da vida, não é pros livros, se faz¹³⁷, por isso biografias assim como livros de história, jamais serão verdades acabadas, e se temos alguma pretensão com estas, devemos abandonar a realidade como já fizeram as tentativas escapistas que viam, em qualquer contato com a mesma, um convite ao pecado de tomar uma posição: não. O que passa em uma revolução provavelmente não será jamais biografiado, pois o movimento real nos escapa, e assumir uma posição de correr atrás diz respeito à mesma inquietude de um cachorro que busca um graveto: dá prazer, pois nos sentimos vivos.

Um dia, que esperamos estar vivos para presenciar, o ser humano poderá se dedicar a escrever a história da revolução dessa forma remota e isolada como realiza a história burguesa, mas o que realmente moverá o ser humano não será mais a vontade de uma erudição se não a necessidade de compreender o desenvolvimento concreto do mundo que quer transformar. É impossível prever como será uma história comunista, mas sabemos o movimento necessário para que a ela cheguemos algum dia:

Tirar da moral sexual a auréola do inviolável imperativo categórico, harmonizar a moral sexual com as necessidades vitais e práticas e com as exigências da vanguarda da humanidade, é a tarefa que deve figurar na

familiares da URSS por mais que a conclusão tenha uma carga idealista considerando a reversão ideológica da década de 30 como sendo “essencialmente política, não de natureza econômica ou material” levando a marca da “política stalinista em outras áreas”, (*Ibidem*, p. 394), o curioso é que a raiz dos avanços soviéticos como o livro mostra são preponderantemente econômicas, sem necessariamente um respaldo político.

¹³⁶ É importante aqui a definição de Eldridge Cleaver de ideologia como uma cola social que mantém um povo unido, e uma perspectiva acerca de um dado *status quo*, graças a qual o povo se relaciona com o mundo e com outros grupos. Fazemos aqui coro a sua ideia de que a ideologia certa é uma arma invencível contra o opressor, ou pelo menos, necessária se quisermos conquistar a vitória (LANDI & MANOEL, 2020, p. 180-1).

¹³⁷ *Quem é do Amor*. E aqui partimos da premissa de Che Guevara, com o risco de parecermos ridículos que “o revolucionário verdadeiro é guiado por grandes sentimentos de amor” (1989, p. 36).

ordem do dia e requer forçosamente a atenção reflexiva e consciente de todos os programas socialista (KOLONTAI, 2011, p. 27)

Não podemos jamais perder de vista o que vêm entrando nossas necessidades a partir da realidade concreta de nossos dias. O compromisso de um revolucionário é com seu povo, consigo, e com seu Partido, estes três momentos se entrelaçam e devem se desenvolver para que cumpramos a tarefa que nos é posta de uma revolução social, a “tarefa da ideologia proletária não é, pois, separar das suas relações sociais o amor, mas dar-lhe um novo colorido” (*Ibidem*, p. 133). É com base nesse colorido que surge da prática cotidiana que uma revolução, mais que possível, é sentida como necessária, e seu bom desenvolvimento só pode ser guiado por este sentimento que aos poucos se desenvolve a partir da quebra de mediações simbólicas anteriores. Kolontai, a quem acreditamos que Reich não tenha creditado suficientemente sua teoria, concluirá que a outra face desta ideologia, “visa desenvolver o sentimento do amor entre os sexos, baseado na mais nova e poderosa força: a solidariedade fraterna” (*Ibidem*). O caráter de totalidade do sujeito assim se expressa na teoria da camarada.

Chegamos ao ponto de compreender que o caráter necessário da Revolução não se trata de um desenvolvimento teórico mecanicista, mas de uma necessidade irrefreável da vida de lutar pelo seu direito de retomar seu ciclo pulsátil natural. E se Marx e Engels não possuíam o arcabouço teórico mais concreto para isso em sua época, possuíam a certeza ligada intimamente a seu universo emocional, e buscavam compartilhá-la em suas manifestações públicas, como é natural a qualquer pessoa que sinta um sentimento.

Todo animal luta quando é oprimido, e a revolução se torna expressão desta luta toda vez que a humanidade se coloca um problema... pois se ela o coloca, como diria Marx, é porque pode resolvê-lo. As relações sociais em que vivemos caducaram enquanto expressão da vida, e o que resta a elas é manter-se colocando opositores aos seus pés por meio da bala: a vida não pode mais sustentar este sistema, somente a morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho passou por diversas renovações em sua escrita, e a verdade dos dias de um comunista é repleta de guinadas não só por tentar agarrar essa areia que escorre das mãos chamada realidade, mas também por saber que os grãos que caírem aos pés também cintilarão na luz do Sol. Os erros e acertos, as críticas e as autocríticas nos moveram até aqui, nos ergueram da cama para que fôssemos camaradas, e, nos desafios que foram colocados, fizeram terreno fértil para a construção da práxis que viabilizou este trabalho.

O objetivo que buscamos era compreender as necessidades do desenvolvimento afetivo na sociedade do Capital, atrelados à tradição marxista e a uma perspectiva reichiana. Deparamo-nos com uma organização que necessita de traumas, que necessita de abusos e que se funda na morte justamente pela despolitização do conceito de vida. Buscamos retomar a realidade material deste conceito para alicerçar a compreensão daquilo que lhe seria necessário para se desenvolver, e nos reencontramos com a perspectiva revolucionária ao final do trajeto não como um horizonte racional ou ético, mas como uma necessidade praxiológica de restauração do contato consigo mesmo e com a realidade.

Vimos que aquilo que sustenta as formas de vida contemporâneas não deve ser visto *per si*, mas como uma prática enraizada numa organização social que dela depende, e que a luta contra estas, não deve passar por moralismos, mas pela compreensão de acabar com as condições que as tornam necessárias, somente assim elas podem caducar. As estruturas que hoje nos mortificam, nada mais são do que os alicerces de nossa organização social para seu próprio sustento e não há solução individual nem voluntarista para um problema totalizante como este.

Buscamos, portanto, a superação dos problemas individuais em uma realidade coletiva e vice-versa. A conclusão a que se chega é a do caráter terapêutico e emancipatório do Partido Comunista, que, no entanto, carece de maior cientificidade no pensar de estruturas organizativas que potencializem isso. Os processos de avanço da camaradagem, onde quer que se vá, se dão de forma espontânea, e a porta que tentamos abrir aqui também diz respeito às mediações concretas para que a sociabilidade do capital vá se negando em seus traços gradualmente. Tratamos o Partido como um ente acolhedor e sejamos claros, o é, mas é necessário que, como todo o processo organizativo, avance na direção de seu desenvolvimento político e profissionalização.

Por fim, este trabalho visa servir como alicerce teórico, sim, mas que, como toda teoria de tradição marxista, só ganhará sustentação, firmeza e realidade, numa prática concreta que vise o fim da exploração e de todas as opressões, que alimentam esta. Não é um trabalho conclusivo ou fechado, é expressão de uma concepção que carregamos hoje e que a própria realidade tratará de mostrá-la verdadeira ou avessa a concretude. Teses e conclusões são compromissos pelos quais assumimos toda a responsabilidade, e de peito aberto, revisitaremos os mesmos se já não forem coerentes com o compromisso maior que guardamos: “amor, trabalho e conhecimento são as fontes de nossa vida e devem portanto governa-la.”

REFERÊNCIAS

ALBINATI, Ana Selva. **A questão da moralidade na obra de Marx**. 1. ed. São Paulo : Instituto Caio Prado Jr, 2020.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 7. ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2009.

CUNHAL, Álvaro. **O partido com paredes de vidro**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/cunhal/1985/08/partido.pdf>. Acessado em: 08/10/2021.

DAVIS, Angela Y. **Mulher, raça e classe**. São Paulo : Boitempo, 2016.

DEAN, Jodi. **Comrade : an essay on political belonging**. Londres : Verso, 2019.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã : crítica da mais recente filosofia alemã e seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão e seus diferentes profetas**. 1 ed. São Paulo : Boitempo, 2007.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring**. 1. ed. São Paulo : Boitempo, 2015.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Cartas sobre o Capital**. São Paulo : Expressão Popular, 2021.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Obras escogidas**. Moscou : Editorial Progreso, s/ano.

FANON, Frantz. **Peau noire masques blancs**. Paris : Éditions du Seuil, 1952.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro : Ed. Civilização Brasileira S. A., 1968.

FANON, Frantz. **Alienação e liberdade : escritos psiquiátricos**. São Paulo : Ubu Editora, 2020.

FISHER, Mark. **Capitalist realism : is there no alternative?**. s/l : O Books, 2009.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. 1. ed. São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 1. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-01-1886-1889.pdf>. Acessado em: 08/10/2021.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 2. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-02-1893-1895.pdf>. Acessado em: 08/10/2021.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 13. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-13-1913-1914.pdf>. Acessado em: 08/10/2021.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. v. 14. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-14-1914-1916.pdf>. Acessado em: 04/10/2021.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 18. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-18-1920-1922.pdf>. Acessado em: 07/10/2021.

GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e revolução**. ed. 1. São Paulo : Boitempo, 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 3. ed. Rio de Janeiro : Editora Civilização Brasileira S. A.

GUEVARA, Ernesto “Chê”. **O socialismo humanista**. Petrópolis : Editora Vozes Ltda. 1989.

KARTCHEVSKY, Andrée, et. al. **O sexo do trabalho**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1986.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão : a atualidade das depressões**. 2. ed. São Paulo : Boitempo, 2015.

KOLLONTAI, Alexandra. **Abram caminhos para o Eros alado : uma carta para a juventude operária**. 2021. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1923/mes/90.htm>. Acessado em: 07/10/2021.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. 2. ed. São Paulo : Expressão Popular, 2011.

KONDER, Leandro. **O Marxismo na batalha das ideias**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. 1. ed. São Paulo : Expressão Popular, 2020.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 7. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2002.

LANDI, Gabriel; MANOEL, Jones (org.). **Raça, classe e revolução : a luta pelo poder popular nos Estados Unidos**. São Paulo : Autonomia Literária, 2020.

LENIN, Vladimir Ilitch. **O Estado e a revolução**. 2 ed. São Paulo : Expressão Popular, 2010.

LENIN, Vladimir Ilitch. **Que fazer : problemas candentes de nosso movimento**. 2. ed. São Paulo : Expressão Popular, 2015.

LOWEN, Alexander. **O corpo em terapia : a abordagem bioenergética**. São Paulo : Summus, 1977.

LOWEN, Alexander. **O corpo traído**. São Paulo : Summus, 1979.

LOWEN, Alexander. **Alegria : a entrega ao corpo e à vida**. São Paulo : Summus, 1997.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe : estudos sobre a dialética marxista**. 2 ed. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2012.

LUKÁCS, Georg. **Carta sobre o Stalinismo**. Disponível em: <http://www.kilombagem.net.br/wp-content/uploads/2013/01/cartas-sobre-o-stalinismo-do-lukacs3.pdf>. Acessado em: 08/10/ 2021.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo : Boitempo, 2006.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 3 ed. São Paulo : Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O capital : crítica da economia política : Livro I : o processo de produção do capital**. 1 ed. São Paulo : Boitempo, 2013.

MOURA, Clóvis. **Quilombos : resistência ao escravismo**. 1. ed. São Paulo : Expressão Popular, 2021.

NAVARRO, Federico. **Terapia reichiana : fundamentos médicos, somatopsicodinâmica**. São Paulo : Summus, 1987.

PAULO NETTO, José. **Crise do socialismo e ofensiva neoliberal**. São Paulo : Cortez, 1993.

PRASHAD, Vijay. **A estrela vermelha sobre o terceiro mundo**. 1. ed. São Paulo : Expressão Popular, 2019.

REICH, Wilhelm. **A irrupção da moral sexual repressiva**. São Paulo : Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1932.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Porto : Publicações Escorpião, 1974.

REICH, Wilhelm. **O que é a consciência de classe?** São Paulo : Martins Fontes, 1976.

REICH, Wilhelm. **Materialismo Dialético e psicanálise**. 4. ed. Lisboa : Editorial Presença, 1983.

REICH, Wilhelm. **La revolución sexual : Para una estructura de carácter autónoma del hombre**. Barcelona : Editorial Planeta-De Agostini, S. A., 1985.

REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo : problemas econômico-sexuais da energia biológica**. São Paulo : Circulo do Livro, 1989.

REICH, Wilhelm. **Análise do caráter**. 3. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1998.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. 3. ed. São Paulo : Martins Fontes – selo Martins, 2001.

REICH, Wilhelm. **A biopatia do câncer**. 1. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2009.

REIS, Dinarco. **Democracia burguesa x centralismo democrático**. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/25981/democracia-burguesa-x-centralismo-democratico/>. Acessado em: 08/10/2021.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História e materialismo histórico no Brasil**. São Paulo : Global, 1985.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. **A psicologia política de Wilhelm Reich**. São Paulo : Revista reichiana do Instituto Sedes Sapientiae, ano XII, n. 12, p. 64-71, 2003.

ZETKIN, Clara. **Como nasce e morre o fascismo**. São Paulo : Autonomia Literária, 2019.

ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro : Contraponto, 1996.